

A CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE NOS FINAIS DO SÉCULO XVI. O CASO DE ISABEL DE MIRANDA, TECEDEIRA, VIÚVA E «SANTA» (C. 1539-1610)

Maria de Lurdes Correia Fernandes*

1. Articular, de um ponto de vista teórico e metodológico, os conceitos de *Piedade popular* e de *Espiritualidade(s)* na Época Moderna apresenta, à partida, múltiplas dificuldades que decorrem das próprias (e nem sempre consensuais) definições e dos enquadramentos de ambos. Mas um «estudo de caso» – respondendo ao convite dos organizadores deste colóquio – pode permitir estabelecer alguns laços capazes de articular dois campos aparentemente tão diferenciados, bem como levantar diversas questões que ajudem a penetrar em domínios culturais complexos e diversificados e, em Portugal, ainda insuficientemente iluminados.

Por isso, o caso que me propus apresentar e discutir foi seleccionado tanto pelo seu enquadramento social, cultural e religioso que lhe confere especial interesse, como pela relação que permite entrever entre as práticas devotas dos leigos e o complexo fenómeno da santidade protagonizada por uma «santa viva» que se foi afirmando num espaço de periferia, longe dos patrocínios e do envolvimento tanto do poder eclesiástico como do poder político, especialmente nas suas formas institucionalizadas. E este acto é, logo à partida, tanto mais singular e interessante quanto, normalmente, os «santos vivos» – não distingo aqui os que se notabilizaram mais pelo seu espírito profético – se foram afirmando ou no quadro das instituições e ordens religiosas a que pertenciam, ou com o apoio e protecção do poder político que, de certo modo, sustentava ou fortalecia a sua *fama sanctitatis*¹.

Esse caso, cujos aspectos e vectores essenciais rapidamente apresento e resumo – deixando para um posterior estudo a análise mais exaustiva –, é o de uma pobre tecedeira, analfabeta, da cidade de Ponta Delgada da ilha de S. Miguel nos Açores, (mal) casada muito jovem – com apenas 15 anos –, viúva aos 33 e mãe de cinco filhos; já neste estado (viúva), fez votos privados

* Universidade do Porto.

¹ Gabriela ZARRI, «Pietà e profezia alle corti padane: le pie consigliere dei principi» e «Le sante vive», in *Le Sante Vive. Profezie di corte e devozione femminile tra '400 e '500*, Turim, 1990, respectivamente 51-86 e 87-163. Richard L. KAGAN, *Lucrecia's dreams. Politics and prophecy in sixteenth-century Spain*, Berkeley-Los Angeles-Oxford, 1990. Para Portugal e para datas pouco anteriores às do caso de Isabel de Miranda, veja-se o estudo de José Adriano de CARVALHO, «Um profeta de corte na corte: o caso (1562-1576) de Simão Gomes, o 'Sapateiro Santo' (1516-1576)», in *Espiritualidade e Corte em Portugal. Séculos XVI a XVIII* (actas), Porto, 1993, 233-260.

de castidade, solicitou com veemência a direção espiritual do eremita agostiniano Fr. Brás Soares, então célebre confessor daquela cidade², e tornou-se, em pouco tempo, uma «devota» (para alguns, uma «beata»³) cuja fama de virtudes, visões e outros fenómenos místicos, cedo acompanhados de milagres, dela fizeram uma santa viva, a quem, contudo, não faltaram algumas perseguições, a principal das quais a acusação de «santa fingida». Brás Soares confessou-a e dirigiu-a espiritualmente quase até à data da sua morte – ocorrida em 15 de Agosto de 1610⁴ –, tendo contribuído não só para que, em Janeiro de 1588, se fizesse Mantelata da Ordem de S. Agostinho, como para o sustento e difusão da sua fama de santidade. E fê-lo tanto na qualidade de seu confessor a partir de 1584, como de perpetuador da sua memória através da redacção de um longo «Memorial» – assim o designa Brás Soares – sobre a vida desta «serva de Deus»⁵, memorial que foi a base principal da resumida “biografia” (e primeira impressa) incluída no *Jardim de Portugal* (1626) de

² Os principais dados biográficos deste religioso, Eremita de Santo Agostinho, falecido a 11 de Maio de 1613, podem ver-se em Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano (...)*, Tomo III, Lisboa, Antonio Craesbeeck de Melo, 1666, 166-7 e 193d, dados quase textualmente retomados por Fr. Francisco do Monte ALVERNE, *Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*, Vol. II, Ponta Delgada, 1961, 146-148; do seu prestígio como confessor dão testemunho algumas passagens de processos inquisitoriais transcritos por Isaías da Rosa PEREIRA, «A Inquisição nos Açores. Subsídios para a sua história», *Arquipélago (Série Ciências Humanas)*, n.º 1 (jan. 1979), 184-5, 188, 190-91.

³ Brás Soares, seu confessor e biógrafo, nunca se lhe referiu usando esta terminologia. Talvez porque as repercussões das vigilâncias inquisitoriais a vários grupos de beatas espanholas e portuguesas obrigasse a algumas cautelas, ou porque, a partir de Janeiro de 1588, era mantelata da Ordem de Santo Agostinho, o que lhe dava um relativo enquadramento institucional. Mas assim a chamou – num tom algo acusatório – uma das suas vizinhas e clientes do seu tear (*Memorial*, adiante citado, fl. 45r) e assim aparece designada em alguns textos do século XVII, como o de Fr. Pedro CALVO, *Segunda Parte deste Tractado [Defensam das Lágrimas dos Justos] intiulada Defensam das Sagradas Religiões (...)*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1618, 67; ou o (ms, de meados do séc. XVII) de Fr. Diogo das CHAGAS, *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores* (utilizo a edição de A. Teodoro de Matos (dir.), Avelino de F. Meneses e Vitor L. G. Rodrigues, Açores, 1989), no qual aparece evocada esta «benaventurada Beata» (p. 203).

⁴ Cf. Fr. Francisco de Monte ALVERNE, *Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*, Vol. II, ed. cit., 219; Francisco Afonso de Chaves e MELO, *A Margarita Animada. Ideia moral, política e histórica de três estados discursada na Vida da Venerável Margarida de Chaves* (Lisboa, Oficina de António Pedroso Galvão, 1723), «Catalogo das pessoas que em S. Miguel floreceram em raras virtudes», 2.ª ed., comentada e anotada por Nuno A. Pereira e Hugo Moreira, Ponta Delgada, 1994, 76. D. António Caetano de SOUSA, no seu *Agiologio Lusitano* (Tomo IV, Lisboa, 1744, 577i), embora lhe resuma a vida, não parece ter tido conhecimento destas fontes, porque diz não ter achado «o anno em que faleceo».

⁵ Esse «memorial» autógrafo, rubricado na cabeça de todas as folhas por Fr. Jerónimo de Mesquita, lente de Teologia e prior do convento de S. Agostinho da cidade de Angra do Heroísmo e autenticado pelo escrivão de Ponta Delgada Antonio Sanches, guarda-se hoje na secção de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa com o título de «Processo da vida da serua de deos yzabel miranda teçedeira natural da ilha de São miguel da çidade da ponta delgada (...)» (B.N.L., Cod. 651). Nas citações do texto – que cito por *Memorial* – respeito, no essencial, a ortografia original; por conveniência e clareza de leitura, apenas desdobre, em itálico, as abreviaturas e separo as palavras unidas.

Fr. Luís dos Anjos⁶, que foi por sua vez – e nem sequer acrescida do breve elogio que lhe fez Francisco Afonso de Chaves e Melo na *Margarita Animada* (1723)⁷ – a fonte de D. António Caetano de Sousa no Tomo IV do *Agiologio Lusitano*⁸. Aquele *Memorial* foi ainda largamente utilizado por Fr. Francisco de Monte Alverne na *Vida e morte da serva de Deus Isabel de Miranda* incluída nas *Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*⁹.

Tal *Memorial*, que abarca o período decorrente entre a quaresma de 1584, início da direcção espiritual por Brás Soares, e 1610, ano da morte de Isabel de Miranda¹⁰, resulta da reescrita parcial de uma primeira versão que cobria um período limitado, entre Novembro de 1584 e meados de 1592, versão que foi enviada neste ano pelo Inquisidor Jerónimo Teixeira Cabral ao Cardeal Alberto em Lisboa, juntamente com «outro cartapacio en que tinha recolhidas muytas obras marauilhosas que deos por ela tinha obrado»¹¹, mas do qual não fez cópia por ter sido «esta missão impensada». A decisão de reescrever (melhor, ir reescrevendo¹²) e de completar tal «memorial» (porque lhe «ficou parecendo *que* o [original] não veria mais») terá sido tomada, segundo confissão do proprio Brás Soares que então (por 1594¹³) contava com

⁶ Fr. Luís dos ANJOS, *Jardim de Portugal em que se da noticia de algumas Sanctas, & outras moheres illustres em virtude, as quais nascerão, ou viuerão, ou estão sepultadas neste Reino, & suas conquistas*, Coimbra, Nicolau Carvalho, 1626, 542-554.

⁷ Francisco Afonso de Chaves e MELLO, *A Margarita Animada*, ed. cit., 76.

⁸ D. António Caetano de SOUSA, *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varões Illustres em Virtude do Reyno de Portugal, e suas Conquistas*, Tomo IV, Lisboa, Regia Oficina Silviana e da Academia Real, 1744, 552-554 e 577.

⁹ Fr. Francisco de Monte ALVERNE, *Crónicas da Província de S. João Evangelista...*, ed. cit., vol. II, 215-220.

¹⁰ Isabel de Miranda morreu a 15 de Agosto de 1610, devendo contar então com 71 anos. De facto, Brás Soares disse que ela tinha, quando começou a confessá-la em 1584, 45 anos. Com a data da morte em 1610, as contas são evidentes. Com estes dados ainda se pode inferir o ano provável do seu nascimento, em 1539. E que Brás Soares a confessou durante 26 anos. Além disso, outras informações dispersas ao longo do *Memorial* permitem saber que esteve casada 17 ou 18 anos e que quando Brás Soares começou a confessá-la em 1584 era já viúva havia 12 anos. Cf. *Memorial*, fls. 1v, 2v e 115r.

¹¹ Este outro «cartapacio» que incluía os milagres e factos extraordinários da vida desta «serva de Deus» é diversas vezes referido ou evocado por Brás Soares (*Memorial*, fl. 1r; igualmente, fl. 71r: «E aqui aconteceo o que esta no tratado das marauilhas *que* o *senhor* obrou por ela»; fl. 78r, em que refere alguns milagres «de que fuy fazendo hum sumario»; fl. 96v: «...num caderno de huas mãos de papel que esta cheo destas marauillas que *deos* por ela obrou»; fl. 126r: «...do quoaal eu fiz hum memorial e de outras couzas marauilhosas de *que* jnchi hua mão de papel»; fl. 129v: «...quaderno donde tenho recolhido muytas couzas marauilhosas que *deos* por ela fez no discurso da sua vida»).

¹² Várias indicações do próprio Brás Soares mostram que o texto deste *Memorial* foi sendo escrito ao longo dos anos, desde, pelo menos, 1594 até algum tempo depois da morte de Isabel de Miranda. Como o indica no final a data do termo notarial, estava concluído antes de Setembro de 1612.

¹³ Começou esta reescrita possivelmente em 1594, segundo se infere da indicação do «dia» em que «isto vou escreuendo na outaua de todos os santos da era de 1594...» (*Memorial*, fl. 28r).

63 anos¹⁴, por duas razões principais. A primeira, porque continuava convencido da santidade da biografada e os «borraes» originais estavam muito «embaraçado(s)», sendo, portanto, de difícil leitura e compreensão por parte de terceiros; a segunda, e de acordo com igual parecer de «muytos e pessoas doctas e pias (...) e de bons juizos», para que ficasse por sua morte «cousa com que pudesse dar satisfação aos que dela desejauão saber...» e «para jncitamento dos descuidados e negligentes que muytas vezes acontece por semelhantes escripturas e relações serem mouidos e persuadidos huns a começarem e outros a procederem e se melhorarem nas vidas e virtudes e procurarem a perfeição delas especialmente quando a pessoa de quem se fala he mais achegada ao tempo de nossa vida»¹⁵. Deste modo, aliava, como diversos outros textos afins da época, o elogio e a memória daquela «serva de Deus» à finalidade exemplar e útil a admiradores e a eventuais imitadores.

Mas por diversas vezes este religioso sentiu as dificuldades da reescrita, não só por ir ficando a memória mais enfraquecida e distante, mas também pela «desordenação» e até perda de alguns cadernos originais¹⁶. Em dado momento (tinha então 71 anos) chegou mesmo a pensar em desistir¹⁷. Além disso, este *Memorial*, mais do que um texto sequencial – que não é –, pretendeu ser um repositório de memórias que outros deveriam ordenar, como o afirma em diversas passagens¹⁸, facto que, diminuindo-lhe o valor literário, aumenta o seu interesse documental, na medida em que ainda não está limado de muitas das arestas que o género hagiográfico na sua divulgação pública certamente excluiria ou, pelo menos, condicionaria. Como Brás Soares não se preocupou – pelo menos aparentemente – tanto com os critérios de selecção como com registar tudo o que havia ou ia observando e apontando por escrito ou na memória, o seu texto contém relatos de factos que, seguramente, uma versão mais tipicamente hagiográfica (e mais retrospectiva) não incluiria¹⁹.

2. É este um caso que, como facilmente se verá, suscita múltiplas questões que se reportam não só ao complexo e controverso conceito de

¹⁴ *Memorial*, fl. 1v.

¹⁵ *Memorial*, fl. 1r, reiterado a fol. 28v.

¹⁶ Cf., por ex., *Memorial*, fl. 9v.

¹⁷ *Memorial*, fl. 11v.

¹⁸ *Memorial*, fl. 106r: quem ouver de ordenar e compor as couzas deste memorial...»; fl. 139v: «quem ouver de ordenar as cousas deste liuro...»; fl. 189r: «...quem ordenar huas ordenara as outras...»..

¹⁹ Muitos aspectos relativos, por exemplo, ao mau feito da mãe e a intrigas várias, nomeadamente em torno de um filho seu e da sua filha, estão obliquamente traçadas no manuscrito – por Brás Soares? Pelo Pe. Mesquita? – e não creio, tendo em conta os cânones do género hagiográfico, que uma posterior redacção da «vida» desta «serva de Deus» as incluisse.

«piedade popular»²⁰, mas também ao culto dos santos²¹ (neste caso, mais especificamente dos «santos vivos») e ao seu enquadramento tanto na vida religiosa como social e política da época. Antes de mais, porque, além de viúva – um estado a que era reconhecido, pelos teólogos e autores espirituais, o privilégio da segunda oportunidade para a «perfeição» –, Isabel de Miranda era uma mulher muito pobre²² e mãe de vários filhos²³, o que a obrigava a um forte envolvimento com a vida doméstica e profissional²⁴, impedindo-lhe, por um lado, o recato que os padrões do comportamento feminino impunham genericamente às mulheres (e em particular às viúvas) e, por outro, dificultando-lhe o recolhimento interior que o modelo tradicionalmente monástico da vida espiritual impunha; além disso, o seu analfabetismo impedia-lhe um dos modos tradicionais de orientação espiritual apoiada na leitura directa e meditação tanto de textos bíblicos e patrísticos como de diversas obras de espiritualidade. Apesar destas «contrariedades», esta pobre tecedeira logrou subir, em relativamente pouco tempo, alguns dos degraus mais visíveis da escada da santidade – tomo aqui o conceito no seu sentido histórico – e da respectiva veneração pública.

É certo que essa subida foi acompanhada e apoiada por um religioso, num processo de aprendizagem controlada e de progressiva interiorização das vias do percurso espiritual. Através da mediação – pela confissão e direcção

²⁰ Haverá que ter em conta que, enquanto «santa viva» que vivia no século e aí tinha obrigações familiares e domésticas – começando pela subsistência própria e dos seus descendentes –, o seu envolvimento com a cidade, propiciado pelo estado de viúva pobre, conduzia-a também à partilha de devoções colectivas e de actos ritualizados, em particular diversas romarias e procissões, que fazia acompanhada de/ou acompanhando outras «devotas» do mesmo ou de outros estratos sociais. Ocasões e partilhas – mas também pública exposição – que as freiras obviamente não tinham.

²¹ Hoje ninguém ignora, por um lado, o quanto o culto dos santos (especialmente dos santos canonizados ou de culto imemorial) marcou profundamente a vivência cristã ocidental ao longo da Idade Média e nos tempos modernos e, por outro, a sua importância (inclusivamente a dos novos santos então recém canonizados) nos programas e na afirmação da Reforma Católica, também patrocinada muitas vezes pelo poder temporal. Cf., em particular, os estudos de André VAUCHEZ, *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age*, Roma, 1980; de Jean-Michel SALLMANN, *Naples et ses saints à l'âge baroque (1540-1750)*, Paris, 1994; de Giulio SODANO, «Il nuovo modello di santità nell'epoca post-tridentina», in MOZZARELLI, C. E ZARDIN, D. (a cura di), *I Tempi del Concilio. Religione, cultura e società nell'Europa tridentina*, Roma, 1997, 189-205.

²² Tão pobre que, conta Brás Soares, «no tempo que a mim veio ja não tinha nada mais que o tear e o vistido que trazia ben pobre nem ajnda hua caixinha en que ter seu mantimento e eu lhe dei hua en que guardase as couzas do seu oratorio» (*Memorial*, fl. 16r.).

²³ Brás Soares diz numa passagem que ficou viúva «com quatro ou cinco filhos» (*Memorial*, fl. 15v-16r). Um deles – que nasceu no dia da morte do pai – morreu ainda criança, com apenas 3 anos (*Memorial*, fl. 2v).

²⁴ Brás Soares salientou por diversas vezes o seu brio profissional, discorrendo sobre o modo como se comportava no seu ofício de tecedeira, no que queria, aliás, imitar N.ª Senhora (*Memorial*, fl. 22v e ss.). Contou, além disso, como ficou mais pobre ainda depois do casamento da filha e como teve de ir suprindo as diversas dificuldades económicas, que se mantinham nos últimos anos da sua vida, quando, depois da morte da filha, teve de pensar na opção de estado dos netos (*Memorial*, fls. 179r e ss.).

espiritual – de Brás Soares, pôde ter conhecimento mais particularizado, por um lado, de vários modelos de santidade – é acentuado o fascínio pelas vidas e imagens de S. Francisco²⁵, de S. Clara²⁶, de S. António²⁷, de Margarida de Cortona²⁸, de S. Catarina de Sena²⁹, essa mística de finais da Idade Média tão influente nos comportamentos espirituais de religiosas europeias – e, por outro, de leituras espirituais que lhe fazia (e a outras «devotas») o confessor. Aliás, algumas das vivências espirituais só foram percebidas por ela própria e até pelo seu confessor, significativamente, depois da leituras das obras – particularmente da «vida» – de S. Teresa³⁰. E essas leituras, como adiante se verá, facultavam-lhe modelos que mimeticamente tentava seguir no seu percurso espiritual e que, simultaneamente, eram um esteio da sua ortodoxia. Deste modo, tal como alguns desses modelos, também Isabel de Miranda foi sabendo conciliar os seus anseios espirituais – manifestados em diversos raptos e êxtases – com os percursos penitenciais da vida ascética, então crescentemente valorizados na sequência, sobretudo, das desconfianças e dos medos provocados pelos excessos de diversos grupos de alumbrados espanhóis e até mesmo de portugueses³¹.

Num primeiro momento, os anseios e as vivências espirituais só foram percebidos pelo confessor, mas alargaram-se depois a um grupo de «amigas», filhas espirituais daquele religioso e mulheres devotas «que frequentavam os sacramentos»³²; às mulheres tecedeiras de sua casa e aos seus vizinhos³³; a

²⁵ Várias vezes pediu que lhe lesse «hum pouco pola vida de são francisco» (*Memorial*, fl. 19r; fl. 22r).

²⁶ *Memorial*, fl. 41v.

²⁷ *Memorial*, fl. 11r.: «Dia de sancto antonio que hera sancto de sua devação que hela muyto amaua...»; igualmente, fl. 11r; fl. 30r., etc.

²⁸ *Memorial*, fl. 25r.

²⁹ *Memorial*, fl. 13r.: «E como eu lhe contei do tormento do fogo jnterior en que ardia sancta Caterina de sena...»; fl. 70v.: «...não se alembra V. R. que sancta Caterina de sena trazia consigo por donde quer que andaua alguas vezes vinte pessoas e casi sempre dous saçerdotes...».

³⁰ Assim sucedeu, concretamente, com a compreensão das «palavras interiores» (*Memorial*, fl. 127v).

³¹ Para Espanha veja-se, em particular, Alvaro HUERGA, *Historia de los Alumbrados*, 5 vols, Madrid, 1978-1995 e, para Portugal, José S. da Silva DIAS, *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*, Coimbra, 1960, Tomo I, 377-397 e Tomo II, notas XXVI a XXVIII.

³² *Memorial*, fl. 5v.: «se foy chegando para hua sua amiga pesoa que frequentaua os sacramentos e minha filha espiritual con quem eu lhe tinha dado liçença que acompanhase e praticasse com certa limitação» (e que «era molher de muito bom entendimento e memoria e hera lida» – fl. 100r); «se encontrou ela com outra amiga que hera hua de duas que eu lhe tinha dado con quem comunicasse» (fl. 5v), ambas mulheres casadas (fl. 34r); «huas parentes e amigas suas» (fl. 6r); um dia, em sua casa, «pasadas alguas platicas comuns con hela e a may e outras parentas que ai con hela estauão viemos por çerta occazion a tratar da paixão do senhor...» (fl. 11r).

³³ Especialmente ilustrativa deste facto é a passagem em que Brás Soares refere um episódio sucedido em sua casa: «Estando hum destes dias na sua caza e no tear e falando de deos com a obreira que en sua caza tecia avia muytos anos e con as outras e foyse com a platica tanto jnflamando que quando quis acodir ao que vio que o espirito queria fazer ja não pode e fez o que as outras vezes e hela ficou sen o vzo dos sentidos e ficou como morta e como elas não entendião este segredo encheose a caza de gente polo rumor das obreiras...» (*Memorial*, fl. 23v).

outros (homens e mulheres) devotos seus ou que frequentavam os mesmos locais de culto³⁴; rapidamente a sua fama se estendeu não só a esta mas também a outras cidades³⁵, nomeadamente a Vila Franca onde, uma vez em que foi com uma sobrinha sua e mais nove ou dez devotas em romaria à ermida de Santo Amaro, logo que correu entre a «a gente daquela vila que muyto dezejava de a ver» a notícia de que ela aí se encontrava, «foy tanto o concurso da gente daquela villa no mesmo jnstante» que, durante toda a noite, «não çessou gente» que «não cabia na ermida». Foi, além disso, «muy jmportunada das freiras aas quoais não foy por lhe aver eu mandado»³⁶. O auge da sua fama foi atingido em 1588, depois de ter tomado o hábito de mantelata de S. Agostinho, mas também foi esse o ano – depois do escândalo do «caso» da «monja de Lisboa» – do início das maiores perseguições e do seu crescente isolamento, só «vingado» totalmente na sua morte, a que, significativamente, ocorreu a maior parte dos habitantes da cidade...

3. Mas, antes de se tirarem conclusões, importa ter presentes os aspectos e momentos essenciais da aprendizagem e do percurso da espiritualidade e da santidade, acompanhado, orientado e controlado pelo seu confessor – curiosamente, o mesmo religioso que também havia iniciado e acompanhado, durante alguns anos, a célebre matrona Margarida de Chaves³⁷ nos caminhos

³⁴ Por isso, ainda nos primeiros tempos, pediu um dia a Brás Soares «liçença para comungar en são francisco que a jncitaua se espirito a iso e porque na igreja matrix trazião ja tanto os olhos nela e no seu comungar...» (*Memorial*, fl. 18v). Mas ela, «não se podendo reprimir ainda que muytas vezes a avizei que se não descuidase» (*Memorial*, fl. 62v), era cada vez mais notada – através dos gestos, das falas com Deus em voz alta, do choro, do cheiro que saía do seu corpo – pelo que «folgavam muytas pessoas de se achegar junto a hela para gozarem daquela suauidade [cheiro]» (*Memorial*, fl. 17v.; fl. 27v; fl. 40r; fl. 69v; fl. 70r; fl. 74v). Com o decorrer do tempo já não se importava que a vissem e notassem, «mas donde a jncitaua o espirito aí vzaua estes modos de falas sen se poder reprimir», ficando «as pessoas que asi a vião e ouviã fora de si e mouidas a com muyta devação e admiração a louvarem a deos» (*Memorial*, fl. 66r); mas os que pela primeira vez a presenciavam ainda «pasmauão» (*Memorial*, fl. 70v) e Brás Soares continuava a temer os seus raptos em público e «que quem aquilo visse se escandalizase», mas «tanta hera sua çimpliçidade e esquecimento do mundo e dos seus huzos...» (*Memorial*, fl. 72v).

³⁵ Em 1586, na segunda semana depois da Páscoa, vieram de Vila Franca «en romaria» à ermida de S. Brás, onde frequentemente dizia missa Brás Soares e ela comungava «hua may e quatro filhas» que «dezejavão muito de a ver»; era esta mãe sua devota e queria «que todas suas filhas fosse seruas de deos» (*Memorial*, fl. 66v).

³⁶ *Memorial*, fl. 129v.

³⁷ Brás Soares quis deixar neste *Memorial*, num tom que denota muita amargura, o testemunho dessa direcção espiritual, já que os seus grandes rivais – entre os quais se incluíam alguns jesuítas – pareciam teimar em ignorar o seu impulso inicial na condução dos destinos espirituais daquela matrona, cujo processo de beatificação corria já então em Roma. (Cf. *Memorial*, esp. fls. 125 e ss.). Os autores posteriores que evocaram a acção pastoral e espiritual de Brás Soares são unânimes em afirmar essa direcção. Cf. Fr. Luis dos ANJOS, *Jardim de Portugal*, ob. cit., fl. 531; Fr. António da NATIVIDADE, *Monte de Coroas de S. Agostinho (...)*, Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1663, Monte III, Coroa Unica, § II, l. B, n.º 40, 482; Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, Tomo III, Lisboa, 1666, 193d; Fr. Agostinho do Monte ALVERNE, *Crónicas da Província de S. João evangelista...*, ed. cit., vol. II, 146 e ss.; Francisco A. Chaves e MELO, *A Margarita Animada*, ed. cit., 33 e 40.

da vida espiritual – e que foi, como disse, o principal mediador na transformação daquela ignorante mulher numa «mestra do espírito»³⁸.

E este facto coloca de imediato diversas questões que deverão estar presentes e claras neste «estudo de caso». Isabel de Miranda era, repita-se, muito pobre e ignorante, o que a diferenciava de diversos santos que ela tomava como modelos e tentava imitar, mas também a aproximava de outros casos (até mesmo italianos³⁹) de «santas vivas» do seu século⁴⁰. Contudo, a sua aprendizagem⁴¹ dos percursos da vida ascética e espiritual (e até dos modelos comportamentais das viúvas) foi acompanhada e orientada por um religioso minimamente informado e experimentado tanto no campo da teologia como no da espiritualidade. Mas também muito só⁴², já que a sua ordem não tinha convento na ilha e a sua actividade pastoral era muito individualizada, contando mesmo com diversos rivais, como adiante se verá.

Brás Soares hesitou muito – assim o deixou expresso⁴³ – antes de aceitar dirigir esta pobre tecedeira, até porque receava que os interesses desta

³⁸ Uma «mestra do espírito» também, por vezes, para o próprio Brás Soares: «...Este dia e nesta manhã me deu alegres sentimentos en couzas tocantes a minha saluação e mi fez muy espirituais exortações a jr adiante con alguas diligencias que hia fazendo a sua jmitação de que hia dando conta couza de que hela tinha muyto contentamento o que eu tomava ja como de mestra ajnda que o mais disçimuladamente que podia...» (*Memorial*, fl. 28v); «...daua a tais pessoas que as orações lhe pedião os conselhos meios e modos e diligencias que lhes convinha fazer pera contentarem a deos e o mouerem a lhe querer fazer a merce que lhe pedião e asi alcansauão o que pedião...» (*Memorial*, fl. 29v). Cf. igualmente fl. 68r e fl. 100v: «...ficou com mais clara luz na jnteligencia das Escrituras porque alguas se offereçerão depois e materias espirituais que eu não pude entender (...) e hela com muita facilidade as declarou...».

³⁹ Gabriella ZARRI, «Le sante vive», art. cit., 102.

⁴⁰ Lembro apenas que a venerável Margarida de Chaves, de muitas mais pösses que Isabel de Miranda, também não sabia ler. E que, como se sabe, as «beatas» – tanto espanholas como portuguesas – eram quase sempre de origem e de condição humilde.

⁴¹ Como afirmou A. Jacobson SCHUTTE, «'Piccole donne', 'grandi eroine': santità femminile 'simulata' e 'vera' nell'Italia della prima Età Moderna», in L. SCARAFFIA, e G. ZARRI (a cura di), *Donne e fede*, Roma-Bari, 1994, 279), «santi si diventa, non si nasce». Até porque «I santi di tutti i tempi, luoghi, e religioni sono prodotti di un ambiente storicamente definito nel quale alcuni modelli di comportamento – parte di un repertorio molto più grande teoricamente disponibile nell'ambito della loro tradizione religiosa – si impongono all'imitazione». Daí o cuidado do confessor em a fazer «conformar» com as «doutrinas aprovadas».

⁴² Brás Soares vivia na ermida de Santa Ana, que só mais tarde veio a ser, em 25 de Julho 1606, a primeira sede do convento da sua Ordem (até ao ano de 1618). Sobre as ermidas de Ponta Delgada, na época, veja-se, em particular, a sempre imprescindível fonte que é Gaspar FRUTUOSO, *Saudades da Terra*, esp. *Livro Quarto*, Vol. II, Ponta Delgada, 1981, 74-83 e Fr. Diogo das CHAGAS, *Espelho Cristalino...*, ed. cit., 182 e ss. Para uma visão mais sistematizada, cf. Maria Fernanda ENES, *Reforma Tridentina e Religião Vivida (Os Açores na Época Moderna)*, Ponta Delgada, 1991, esp. cap. VI, 233-275.

⁴³ Conta Brás Soares que «Tres anos avia antes que a admitisse que dezejava de se confessar comigo (...) faloume muytas vezes e outras muytas me mandou falar e rogar e não foy deos seruido que a admitisse arreçendo eu que por ser molher pobre quereria mais de mim que a confição e que a ajudase a sustentar como outras aviam feito (...) fez muytas romarias e devações mandou dizer missas fez outras muytas diligencias tomou diversos interçesores...» (*Memorial*, fl. 2v. e fl. 3r).

não fossem exclusivamente espirituais. Mas, com alguma inocência e bondade – que perpassam tão notoriamente muitas das páginas do seu *Memorial* –, Brás Soares rapidamente se rendeu ao «espírito» da sua confessada. Aliás, começou por notar – como sucedia em tantas outras vidas de santos – que algumas «deuações» e o «apetito das couzas espirituais a que tão inclina da era» vinham já dos seus tempos de menina⁴⁴. E mesmo depois de casada aos 15 anos, contra sua vontade e por decisão materna, com um homem «tão desproporcionado da sua idade que ja tinha muytas brancas» – um dos motivos, entre outros⁴⁵, pelos quais «nunca viueo com gosto neste estado» –, Isabel Miranda não terá perdido esse «apetite», já que, nos sete anos de ausência do seu marido (depois de 5 anos de casamento), embora tendo «muytos combates do demonio e dos seus solicitadores», viveu «tão virtuosamente que a toda pessoa que a conhécia e trataua hera hum viuo exemplo de todas virtudes e bons costumes e recolhimento confesandose as mais vezes que podia entre ano uzando alguas devações asi como deos lhe daua a entender», manifestando «a seu confessor os desejos que tinha de seruir a deos que hera hum religioso de são francisco»⁴⁶. Já então fazia suas romarias a diversas igrejas e ermidas da ilha, só⁴⁷ ou em companhia de outras mulheres devotas⁴⁸, prática que manteve com regularidade durante muitos anos e que são um dos traços mais significativos da sua partilha de devoções com outras mulheres ou com o “povo” da cidade⁴⁹.

Mas esta pobre tecedeira, analfabeta, desenquadrada do ponto de vista religioso-institucional, «não tinha notiça de exercicios espirituais» que eram «o que o seu espirito estava dezejando»⁵⁰. Por isso Brás Soares logo a pôs «en

⁴⁴ *Memorial*, fl. 2v.

⁴⁵ Além disso, foi este marido grande gastador e «tão negligente em prover sua caza que jamais nem a molher nem a filhos deu vistido nem calçado nem outras couzas neçecarias tudo a pobrezinha avia de suprir con o ganho do seu tear por que os filhos não andasem nus nem morresem a fome. E asi foy sua vida sempre muy cansada e acompanhada de trabalhos e sofrendo tambem sua condição que era muy forte». (*Memorial*, fl. 2r.)

⁴⁶ *Memorial*, fl. 2v.

⁴⁷ O gosto e a prática de diversas romarias a lugares de culto foi uma constante ao longo da sua vida: «...assistia a são pedro a debação de sancta ceterina e logo hia a são francisco e tornaua a igreja maior aos principios das missas cantadas das confrarias que se começam acabando prima...» (*Memorial*, fl. 33r); todas as manhãs ia a S. Francisco, para cumprir a sua romaria a N. Senhora da Conceição (fl. 39v, fl. 51r, 158r, etc.); fazia uma todos os dias, descalça, durante um ano, pela manhã, aos santuários de N. Senhora «para poder comprir sua romaria que polo padre da sua alma fazia...» (fl. 51v); «corria todos os altares da igreja de sam sebastião» (fl. 65v).

⁴⁸ Uma delas, a que fez S. Lázaro, pelas melhores de uma perna do seu marido ausente, em companhia do irmão e cunhada «e outra companhia onesta de molheres amigas e virtuosas», veio a valer-lhe a recriminação e suspeita do marido (*Memorial*, fl. 2r.). Cf. igualmente fl. 75v.

⁴⁹ Participava também nas procissões (*Memorial*, fl. 141r) e assistia, quando as havia, às pregações: no mosteiro de S. André (fl. 135v), no da Esperança (fl. 142r), no dos franciscanos (fl. 158v; 159v) e, claro, na igreja da sua freguesia que era a de S. Sebastião (fl. 63r, etc.).

⁵⁰ Aliás, «já no cabo deste tempo andava rebentando e dezejando achar confessor com que tratase o que sentia e asi en hum mes foy a sete confessores mas com nenhum pôde tratar couza alguma fora do que era materia de confição...» (*Memorial*, fl. 3r.).

comunhões de oyto en oito dias» e em «exercícios das duas primeyras vias (...) purgativa e ylluminativa», passando em breve tempo «a tratar da unitiva que era a de que seu espirito tinha mais neçeçidade...». Os seus progressos foram tais que ele se admirou com «a facilidade com que estes exerçiços de aspiração obraua e os mouimentos anagógicos» e o uso contínuo de jaculatorias «con ardentissimo amor»⁵¹.

Aliás, o percurso da vida espiritual desta viúva viveu sempre num equilíbrio precário entre uma certa espontaneidade do seu espírito – cuja «fuga» frequente ela não controlava, como também não controlava as visões que tinha durante os raptos, nem as comunhões espirituais regulares, que muito desejava – e a necessidade de obedecer aos critérios e passos progressivos da vida ascética aconselhados ou impostos pelo confessor e pela literatura espiritual de que ele se socorria.

De facto, como também o exigia a literatura espiritual da época – e como ela «ajnda menina» já tinha «ouvido dizer»⁵² –, estas práticas espirituais eram acompanhadas de exercícios ascéticos e de diversas penitências (dos jejuns e abstinências constantes⁵³ aos cilícios⁵⁴, à oração de joelhos, onde tinha grossos calos⁵⁵, a disciplinas de sangue⁵⁶ e mortificações várias, entre elas a dos piolhos, que sofria com paciência⁵⁷), penitências que as sustentavam, garantindo também a sua ortodoxia, especialmente numa época em que, em contexto ibérico, as desconfianças e os medos dos acessos fáceis e rápidos aos estados místicos (nomeadamente por parte de beatas) traziam

⁵¹ *Memorial*, fl. 3v. Antes disso ela «rezaua vocalmente muytas orações (...) porque o confesor que a confessaua [um clérigo, «porque o religioso ja se avia ido para o reyno»] não na despertaua nem jncitaua as mais» (*Memorial*, fl. 2v.).

⁵² *Memorial*, fl. 8v.

⁵³ Esta foi uma das primeiras privações de Isabel de Miranda, que não só não comia carne como se alimentava muito pouco – o seu alimento quotidiano quase nunca passava de umas pobres migas quase sem azeite – facto que contribuía também para aumentar a admiração não só de Brás Soares mas também de todos os que não compreendiam como podia sobreviver com tão pouco alimento. Por exemplo, nos finais de Novembro de 1587, «não tinha senão pelle e osso...» (*Memorial*, fl. 107r).

⁵⁴ Além de quase não comer, a sua cama era constituída por uma tábua e a sua camisa era de «tecido muito grosso», o cilício que trazia «fazia sangue» (*Memorial*, fl. 39v, etc.).

⁵⁵ *Memorial*, fl. 5r-v.

⁵⁶ Fazia, especialmente na quaresma, «disçiplinas crueis cada somana de sangue ajnda que não herão de rrozetas...» (*Memorial*, fl. 39v, etc.).

⁵⁷ Andava, desde que «tirou a cama e começou a huzar de palha do rostolho» (*Memorial*, fl. 2v), «sempre acompanhada de grande numero de piolhos» (fl. 39v) que «por sua multidão e liberdade com que andauão lhe fazião gaiuas polo corpo» (fl. 93r), mas «sofria-os» com paciência e nunca o confessor ou a amiga a viram «estando en oração na igreja nem fora dela fazer algum meneo com o corpo rosto ou cabeça como soem fazer outras pessoas por causa da jmmundicia que os penitentes soem criar de pulgas e piolhos ou por começão mas sempre estar como hum pao ou hua pedra asossegada e muy quieta...» (fl. 51r). Não costumava matá-los e só o fazia por ordem expressa do seu confessor (fl. 93r).

vigilantes não só a Inquisição⁵⁸, mas também diversas autoridades eclesiásticas e até alguns devotos, como neste caso sucedeu⁵⁹.

Não cabe aqui apresentar e explorar com minúcia (porque merecem um estudo próprio e cuidado) os diversos aspectos da sua espiritualidade tanto na fase de principiante como ao longo do seu processo de aprofundamento e domínio da mesma⁶⁰, mas talvez se deva ter presente – porque eram então também muito presentes na espiritualidade da época – a sua veneração das imagens da paixão de Cristo⁶¹ acompanhada de fortes sentimentos pessoais dessa paixão e de intensas dores corporais⁶²; a conseqüente meditação da paixão⁶³; a recorrente visão de Cristo crucificado na óstia⁶⁴; um ardente amor

⁵⁸ Sobre esta questão veja-se, em particular, José S. da Silva DIAS, *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal*, ob. cit., Tomo I, 377-397 e Tomo II, notas XXVI a XXVIII; Alvaro HUERGA, *Historia de los Alumbrados*, ob. cit., esp. vols. I e II.

⁵⁹ Uma das primeiras críticas a I. Miranda e ao próprio Brás Soares terá sido avançada por «hua deuota que entre as mais que aqui seguião esta vida e frequentauão os sacramentos e hera avida por de maior perfeição e pesoa que eu tambem trouxe em minhas confições çete ou oito anos desde seu principio e depois por minha auzencia que foy de dous anos se ficou confesando com o vigairo da sua freiguesia e tornando con hele ficou continuando parese que ouuindo alguas couzas desta serua de deus doudou delas e tambem en hum modo en que proçeedo en hua pratica que com hela quis ter ou exame se entendeo ter para si que eu na sua criação espiritual não leuaua o cuidado nem guardaua a orden devida e que tinha descuidos (...) e este juizo fizerão outras (...)»; do seu ponto de vista, «quizerão na tomar em palauras por serem muyto lidas e ela molher cimple sem saber ler mas entendi que a ajudou deus e lhes respondeo ben e a proposito e humilmente encobrindolhes com cuidado e cautela as couzas interiores como lhe tinha mandado que fizesse en encontros semelhantes...». (*Memorial*, fl. 9r.). Brás Soares não só a orientava na vida espiritual como lhe dava indicações precisas sobre o modo de se comportar e até de falar com os outros, particularmente os que se moviam em ambientes rivais, como era este caso, já que «por certos çinais entendemos que fora mandada por quem a hela trazia a cargo...» (fl. 9v). Referia-se ao vigário da freguesia, diversas vezes apresentado como o seu principal perseguidor.

⁶⁰ Este aspecto merece um estudo específico e minucioso que a enquadre nas correntes de espiritualidade de então e que ultrapassa os objectivos desta comunicação.

⁶¹ Em particular a imagem representada num «painel» da capela do convento da Esperança, que «hera hua das mais deuotas representações da paixão que se podião ver por ter alguas particularidades muy compaçiuas e naturaes ao que reprezentaua que não podião deixar de mouer a todo coração devoto asi pola postura de Christo como polo dos ministros que o atormentavão» (*Memorial*, fl. 77v). Outro exemplo ilustrativo é o que Brás Soares narra ao evocar a quaresma de 1588: «...chegados a Ermida das chagas não a consenti entrar dentro por saber que estaua ali o painel da paixão (...) de cuja vista era muy perturbada temendo que dali a não pudeseamos tirar se não com muyta nota...» (*Memorial*, 140r).

⁶² *Memorial*, fl. 5r. Registou Brás Soares que «esta devação e sentimento da payxão do senhor era a maior que eu entendi ate aquele tempo em os seruos de deos que eu comuniquei por onde andei que forão oito e com hela erão noue e pessoas de grandes espiritos e tidos por de grande perfeição por suas claras obras e singulares virtudes e altos exerçijos da vida espiritual cujos processos das vidas e sua oração eu procurei com coriosidade entender...» (*Memorial*, fl. 7r.); fl. 61v; fl. 63r-v..

⁶³ *Memorial*, fl. 58v: «...mas esta sua meditação dos misterios e paços da payxão era muy diferente da que faz a gente que não tem espirito...».

⁶⁴ Uma visão que Brás Soares disse (é certo que o escreveu em datas que andarão pelo virar do século XVI para o século XVII) ter sempre desvalorizado, com base em «huns documentos» de «hum padre muy espiritual», e por isso «sempre tiuemos esta vista por sospeitoza (...) polo que o demonio soie fazer debaixo de tais aparencias que tanto são mais dispostas a enganar quanto ben mais enbuçadas e com sinais de maior sanctidade...» (*Memorial*, fl. 5v).

a Deus visível até na vermelhidão e queentura da face e do corpo⁶⁵; uma forte dor dos pecados⁶⁶; o desejo de martírio⁶⁷ ou, simplesmente, o desejo da morte⁶⁸; raptos muito frequentes⁶⁹; comunhões (espirituais ou reais) também frequentes⁷⁰, apesar do conselho em contrário do vigário da sua freguesia⁷¹; «mouimentos anagógicos muy amorosos e prolongados e muytas lagrimas amorosas com *deos...*»⁷²; visões proféticas de acontecimentos vários (futuros ou longínquos)⁷³; e, claro, o culto dos santos e das suas das imagens⁷⁴, especialmente concretizado na formação progressiva do seu «oratório» que com o tempo veio a ser considerado, como adiante se verá, o «mais capaz de todos os que yllas avia»⁷⁵.

A pouca discrição, senão mesmo alguma espectacularidade⁷⁶, de várias das suas práticas espirituais e até fenómenos místicos – neste aspecto, a sua

⁶⁵ *Memorial*, fl. 7r, etc. Uma vez andou quase duas semanas «como ardendo en amor suavissimo que hera tal que resultaua no corpo e asi me dezia a amiga que hera de marauilhar não lhe arder o fato con que andaua...» (fl. 66r).

⁶⁶ *Memorial*, fl. 17v.

⁶⁷ *Memorial*, fl. 7v.: «...muytas vezes me avia manifestado hum grande dezejo que sempre a acompanhaua que hera de morrer por amor de noso senhor»; fl. 53v; fl. 56v; fl. 82r; por isso também gostava de ouvir ler o martírio dos 5 mártires de Marrocos e «rezaua as suas jmagens que en hum retabolo da jgreja de são francisco estauão pintadas...» (fl. 50r).

⁶⁸ Um desejo tão forte que suplantava o da venerável Margarida de Chaves, segundo o testemunho de Brás Soares que, nesta comparação, pretendia claramente valorizar este sentimento aos olhos dos contemporâneos: «eu nunca vi pessoa dezejar de morrer como esta nem na venerael matrona margarida de chaues se lhós sentirão antes tellos de viuer e fez segun me contarão boas diligencias por conseruar a vida e escuzar a morte porque eu antão estaua auzente fora da terra quando ela partio deste mundo» (*Memorial*, fl. 47r).

⁶⁹ Que ela descreveu, a pedido de Brás Soares, dizendo ser «mouida jnteriormente huas vezes polas lições que ouuia e outras polos discursos das considerações meditações ou contemplações e pola obra do amor de *deos* de que sempre era occupada», começando a tremer e «na maior força deste tremor com hum grande abalo saia e ficaua muyto quieta naquela postura en que estaua ou de juhlos ou açentada dezia que lhe pasaua hua nuenzinha polos olhos muyto branca e do tamanho de hum prato pequeno» donde «saia tamben hum fuminho atenuado e tambem branco com suavissimo cheiro» que «sendo asi chegada a seus olhos a priuaua da vista totalmente e de todos os outros sentidos e a alma posta en hua grande quietação e gozo que hela lhe parecia ser hunião de amor e muy dezejosa da tornada do espirito que na tornada lhe cauaua outro semelhante tremor e abalo...» (f. 8r.)

⁷⁰ *Memorial*, fl. 8r: «Esta somana comungou tres vezes».

⁷¹ *Memorial*, fl. 79r.

⁷² *Memorial*, fl. 11r.

⁷³ Especialmente relacionados com ocorrências ou eventos relativos a contemporâneos seus (*Memorial*, fl. 84r, fl. 134r, fl. 137v, fl. 168v-169r etc), mas também com problemas políticos (fl. 145r, fl. 189r).

⁷⁴ De que é exemplo eloquente «hua ymagenzinha de nossa *senhora* en hum retabolinho de pinzel que sempre consigo trazia dependurada do pescoso en hum saquinho de çeda e ali trazia tamben hua ostia com christo crucificado sobre a ymagem e çerrauase com hua taboinha delgada como hum espelho e tinha ela muita devação na uista destas duas ymagens» (*Memorial*, fl. 144v). Cf. igualmente fl. 94r; 125v, etc.

⁷⁵ *Memorial*, fl. 165v. Cf. *infra* notas 179-181.

⁷⁶ Naturalmente, esta suscitava muitas reservas, devido sobretudo ao escândalo que por vezes provocava, como sucedia em algumas das suas comunhões: «Reçebia o senhor con hua tal sofreguidade

situação de viúva leiga e pobre com deveres profissionais e familiares que lhe autorizavam a exposição pública foi decisiva – suscitou não só curiosidade, mas também desconfianças.

E Brás Soares preocupava-se muito com as possibilidades de fingimento – os exemplos, grandes e pequenos, não faltavam⁷⁷ – ou até mesmo só com a fama de fingimento⁷⁸. Por isso não só a «examinava» com frequência, mas também a orientava com precisão sobre o modo de falar com os outros, particularmente os entendidos em matérias espirituais e os cépticos, ficando muito contente com as atitudes dela quando eram «conforme ao que aconselham os que escreuem e jñçinão estas doutrinas espirituais»⁷⁹.

É por isso notória, em muitas das páginas de tom confessional do *Memorial* de Brás Soares, a preocupação constante em buscar e garantir a conciliação entre a espontaneidade da sua vida espiritual e a conformidade desta com as doutrinas espirituais «aprovadas» ou não suspeitas. Este facto obriga – não é demais repeti-lo – a lembrar mais uma vez a complexidade do fenómeno das leituras – nomeadamente das leituras femininas – nas sociedades do passado. Isabel de Miranda não sabia ler, como o não sabiam muitas das mulheres que a acompanhavam em várias das suas práticas devotas. Mas, mesmo assim, ela «lia», com relativa frequência, através dos olhos e voz de Brás Soares⁸⁰, escutando e até comentando muitas leituras espirituais que ele fazia a si e a outras mulheres de sua casa ou de sua vizinhança. Ouvia ler e guardava muitas das leituras na memória.

que o vigairo a avizou diante de *mim* que olhasse o que fazia e não desse nota de si mas a fome e desejo da sua alma com que por ele sempre andaua jmpaçientissima e muyt faminã lhe fazia que se não pudesse reprimir...» (*Memorial*, fl. 4v); por isso Brás Soares a alertava com frequência para que evitasse os descuidos em público, como chorar ou falar com Deus na igreja em voz alta (*Memorial*, fl. 62v).

⁷⁷ E muitos deles eram conhecidos de todos, e não só dos mais doutos. Ela própria, a propósito de um caso sucedido naqueles dias de «hua molher que comungava muitas vezes» e que caiu «en hua culpa muyto escandalosa de que todo o pouo rezebeo muyto mao exemplo», o aconselhou a não se «fiar de mulheres», as quais, desejando-o, têm «muytas malicias e dissimulações» como «ben o tem jñçinado os aconteçimentos que nestes jnfelizes anos an aconteçido con mulheres que pareçião espirituais...» (*Memorial*, fl. 19r). Por isso o confessor lhe dava «continuos avizos contra a vaa gloria (...) trazendolhe muytos exemplos de quedas que muytos espirituais mal fundados e fingidos avião dado...» (*Memorial*, fl. 49v). A própria Isabel de Miranda terá motivado, pelo impacto dos seus raptos e respectiva fama pública, algum mimetismo noutras mulheres que queriam «parecer santas». Um caso contado por Brás Soares foi o de uma moça pobre, ignorante, que nem sequer frequentava os sacramentos e que, impressionada com o que ouvia contar daquela «santa», a quis imitar fingindo diversos raptos, acabando, contudo, por confessar que só queria que «a tivessem por sancta» (*Memorial*, fls. 108r e ss.).

⁷⁸ Já em 1585 uma mulher casada que foi a sua casa queixosa de uma das suas obreiras a acusou «falando com muytos escarnios das beatas que herão grandes santeiras ypocritas falsas...» (*Memorial*, fl. 45r).

⁷⁹ *Memorial*, fl. 12r. Era o caso das «petições» que fazia a Deus para que lhe «tirasse todos os sentimentos deleitosos espirituais».

⁸⁰ A aprendizagem através da leitura «ouvida» era completada com uma grande atenção nas pregações, como ela própria terá feito notar a outras «devotas», advertindo-as contra o zelo indiscre-

De facto, a direcção espiritual – que Brás Soares também foi aprendendo e estudando – era fortemente apoiada, como atrás disse, nas leituras de diversas obras de espiritualidade⁸¹, algumas das quais lhe fazia em voz alta, normalmente em casa de uma amiga onde viveu alguns anos⁸², leituras que Isabel de Miranda escutava com muita atenção, mostrando com a passagem do tempo que deixavam um sulco profundo na sua memória, de que sabia, aliás, tirar partido⁸³. Assim sucedeu, por exemplo, com uma leitura que lhe fez Brás Soares sobre a comunhão espiritual que ela ouviu «con muyta atenção como quem a avia muyto mister e asi a encomendou muyto a memoria para a huzar quando o *senhor* lhe desse espirito e graça para iso...»⁸⁴. E outra na «caronica da ordem de são francisco»⁸⁵, que ele lhe lia com alguma frequência. E por isso este confessor se maravilhava com a «diligência que punha e como se esforçava a por por obra o que as lições que ouvia lhe jncinauão dos liuros que lhe lia que tratauão de materia de perfeição e tudo obraua com facilidade e suauidade...»⁸⁶. Era, portanto, uma boa aprendiz, facto que não deixa de obrigar a alguma atenção e valorização tanto do papel do confessor

to e a falta de humildade: «de *mim* vos digo que ajnda *que* muitos anos ande nestes exerciçios e ouça muitas lições de liuros e pregações e ajnda que me sentisse muyto aproueitada na vida espiritual *nunca* presumirei nen terei para *mim* que posso dizer nada *nem* ajnda a *pessoas* prinçiantes...» (*Memorial*, fl. 131r).

⁸¹ Este religioso mostrou, em diversas passagens, que os livros eram, numa boa parte das situações, os seus conselheiros e guias espirituais. Por exemplo, «*hum* dia estando en caza da amiga e todos tres tratando em materia de amor de deus ficou ela como outras vezes alienada dos sentidos (...) não lhe perguntei antão nada porque *nem* ajnda diente daquela tão amiga queria que me tratase das cousas jnteriores por me pareser que asi *convinha* conforme ao *que* jnsinão os que tratão deste negocio espiritual» (*Memorial*, fl. 13r).

⁸² Era essa a sua principal amiga, mulher casada que sabia ler e era confessada – bem como o marido e filhas – por Brás Soares (*Memorial*, fl. 110r). Por algumas indicações do *Memorial* devia ser a mulher do mercador inglês Pedro Uchales (*Memorial*, esp. fl. 168r-168v).

⁸³ Visível na forma como lhe respondia a diversas perguntas com que a ia pondo à prova, como aquela em que lhe recorreu sobre a suspensão dos sentidos: «Eu fiquei maravilhado desta resposta pola dar hua mulher cujo ofiçio foy *sempre* tecer e não saber ler e hela (...) trouxe-me a memoria hua couza que avia dias que lhe avia lido en *hum* tratado da vida espiritual...» (*Memorial*, fl. 14r.). E em outra passagem Brás Soares notou como «em breue fazia habito das virtudes que pretendia e como lhe ficava tudo o que ouvia jmprimido na memoria e quoam facilmente entendia as materias por escuras que fossen e dificuldades...» (*Memorial*, fl. 15v.). Ou como ela recordava por menores do que lhe lia, como no caso do que lhe «contou de frei Rogeiro na vida de são francisco...» (*Memorial*, fl. 25v.).

⁸⁴ *Memorial*, fl. 12v. E «andando o tempo foi esta comunhão ordinaria en dous dias da somana», às «terças e sextas feiras sen jamais faltar».

⁸⁵ *Memorial*, fl. 17v: «E lhe estiuue lendo na caronica da ordem de são francisco da humildade do mesmo *santo* padre e do conhecimento que tinha de si e de seus peccados saida ela dai se tornou a san sebastião e se pos muy de proposito a mirar en sua vida e não sei que de novo achou que lhe fez fazer amargos prantos...».

⁸⁶ *Memorial*, fl. 15v.

e director espiritual (e em parte também dos pregadores) quanto do processo de aprendizagem e domínio da vida espiritual por parte de muitos «idiotas»⁸⁷.

Mas Brás Soares nem sempre foi muito preciso na indicação dessas leituras (autores ou obras), que por vezes parece omitir voluntariamente, revelando como era ciente das cautelas, também em Portugal, em torno da literatura espiritual, sobretudo a que circulava em língua vulgar (a única que ela poderia compreender). E se mostra com alguma frequência como se apoiava nos seus conselheiros «escritos», na maior parte das vezes não vai além de indicações lacónicas: «hum tratado da vida espiritual»⁸⁸; ou «hua doutrina» que leu «à hela e a outras duas amigas» que «exortaua a ben rreceber o sancto sacramento»⁸⁹; ou «hua lição que lhes estava lendo»⁹⁰; ou «hum livro de que ela gostava de doutrina espiritual»⁹¹; ou «hua materia que trataua da esençia diuina...»⁹²; outras vezes foi mais preciso, como quando evocou a leitura que lhe fez «en casa da amiga no liuro de são francisco os degraos por donde o ben aventurado padre subio a perfeição...»⁹³; ou a «vida de S. Francisco» e a «vida de sancta clara na caronica da ordem de são francisco»⁹⁴; ou do «liuro e obras espirituais de don Serafino de fermo»⁹⁵; do *De natura angelica*, a obra de Eiximenis que a fez arrepender-se da desobediência ao seu confessor⁹⁶; «hum livro que hera a vida da madre teresa de jesus (...) e as obras espirituais que escreueo...» que lhes mostrou e emprestou um carmelita, bispo das Filipinas, vindo da Nova Espanha, livro que Brás Soares lhe leu «todo» e a deixou maravilhada já que «nunca materias de liuros espirituais lhe derão tanto gosto e satisfação como este por uer quan compasadas hião suas couzas com as daquela sancta e seus sentimentos e proçessos con sua doutrina»⁹⁷. Note-se que este «livro» foi para ambos e sobretudo para ela «como hum

⁸⁷ Lembremos como, cerca de duas décadas antes, Francisco de MONZÓN acentuara este facto no seu significativo *Norte de Idiotas* (Lisboa, 1563, recentemente reeditado por Pierre CIVIL, *Image et dévotion dans l'Espagne du XVIIe siècle*, Paris, 1996, 141-179) ao explicitar na dedicatória a D. Maria da Silva o seu intuito de figurar em «una noble y devota mujer, que vos representa al vivo, aunque se finge que ésta no sabía leer» um «general ejemplo a todas las personas que, aunque no tengan lección de libros, se podrán ejercitar en todos los ejercicios de la vida espiritual». Sobre o complexo problema da educação na Época Moderna em Portugal veja-se António Camões GOUVEIA, «Educação e Aprendizagens. Formas de poder na *paideia* do Portugal Moderno», *Ler História*, 35 (1998), 11-44.

⁸⁸ *Memorial*, fl. 14r.

⁸⁹ *Memorial*, fl. 75r.

⁹⁰ *Memorial*, fl. 98v.

⁹¹ *Memorial*, fl. 99r.

⁹² *Memorial*, fl. 145v.

⁹³ *Memorial*, fl. 15r.

⁹⁴ *Memorial*, fls. 19r e 22r.

⁹⁵ *Memorial*, fl. 100r.

⁹⁶ *Memorial*, fl. 100v.

⁹⁷ *Memorial*, fl. 106r-v e fl. 127v. A primeira edição das *Obras* de S. Teresa data de 1588. A sua leitura foi, portanto, posterior a esse ano.

claro espelho em que se vio de dentro e de fora e pode entender polas lições dele como caminhaua...»⁹⁸

A influência das leituras foi notória em muitos dos actos e práticas espirituais de Isabel Miranda, nomeadamente na da oração mental, na qual «proçedia pola ordem que as doutrinas espirituais encinão...»⁹⁹, facto tanto mais significativo quanto, no princípio, só «rezaua vocalmente muytas orações»¹⁰⁰. Por isso, a sua aprendizagem dos complexos processos e dos percursos da vida espiritual não era totalmente desenquadrada dos modelos teóricos fornecidos pelas obras de espiritualidade que lhe lia o seu confessor. Pelo contrário, havia mesmo alguma conformidade – Brás Soares acentua em particular a conformidade com alguns aspectos contidos nas *Obras* de Santa Teresa –, o que garantia também a ortodoxia.

Mesmo assim, o medo tanto da vaidade como do fingimento – que deverá ser entendido no quadro epocal de alguns fingimentos detectados naquelas décadas no espaço ibérico¹⁰¹ – levou-o não só a «examiná-la» com frequência¹⁰², mas também a pedir pareceres sobre diversos aspectos a alguns religiosos e teólogos, já que o seu saber – diversas vezes o reconheceu – era em alguns casos insuficiente. Como no das «premunicações»¹⁰³. Por isso, «pouco que disto entendiamos e pouca confiança que en nosos pareceres tinhamos sendo as cousas da calidade que herão fomoslas sempre tratando com os theologos que a esta terra vierão como forão hum comissairo de são

⁹⁸ *Memorial*, fl. 139v. Aliás, como atrás se disse, a consciência da sua santidade aumentou depois de ler as obras de S. Teresa, com que compreendeu muitos dos seus sentimentos: «Em outras muitas duvidas fomos alumiados pola lição deste liuro e doutrinas desta sancta (...) porque ela se achou em grão parte daquele liuro e hera grande a alegria de sua alma em verse levada polos paços desta sancta...» (fl. 107r).

⁹⁹ *Memorial*, fl. 102v.

¹⁰⁰ Isto «porque o confesor» – que «a este tempo era hum clerigo» – «não na despertaua nem jncitaua as mais...» (*Memorial*, fl. 3r).

¹⁰¹ Veja-se, mais adiante, o caso da «freira de Lisboa». Mas recorde-se também o escândalo da «monja de Córdova», Magdalena de la Cruz; e o de Lucrecia de León (cf. Richard L. KAGAN, *Lucrecia's Dreams. Politics and Prophecy in Sixteenth-Century Spain*, ob. cit.). Sobre diversos casos e questões em torno do «fingimento», especialmente em Itália, vejam-se os estudos pioneiros reunidos por Gabriella ZARRI, *Finzione e santità tra medioevo ed età moderna*, Torino, 1991; Anne Jacobson SCHUTTE, «'Piccole donne', 'grandi eroine': santità femminile 'simulata' e 'vera' nell'Italia della prima Età Moderna», art. cit.; Adriano PROSPERI, «Santità vera e falsa» in Id., *Tribunali della Coscienza. Inquisitori, Confessori, Missionari*, Torino, 1996, 431-464.

¹⁰² Fazia-o de várias maneiras: ora «lendlhe tais que nelas pudese uer se en algua couza hera comprendida...» (*Memorial*, fl. 130r); ou «com diversas perguntas» que permitiam, através das respostas que ela dava, aferir «as suas virtudes, espirito e deuação e penitencias e (...) constancia...» (*Memorial*, fl. 124r), e especialmente a sua humildade; assim, «tanto quanto mais hia crecendo estes conheçimentos sentia tamben ir crecendo en su[a] alma a virtude da humildade e jr desminuindo e enfraqueçendo o viço da soberba...» (*Memorial*, fl. 123v).

¹⁰³ Tal como o impunha, aliás, uma norma do decreto do V Concílio Lateranense sobre a pregação. Cf. PROSPERI, Adriano, «Dalle 'divine madri' ai 'padri spirituali'», in Elisja Schulte VAN KESSEL (ed.), *Women and Men in Spiritual Culture – XIV-XVII centuries*, The Hague, 1986, 73 e 75.

francisco e hum pregador da mesma ordem e outro guardião letrado e com o capuchinho frei francisco com que se confessou ano e meio sendo eu no Reino e outros dous pregadores da nossa ordem omens graues e mui letrados hum deles catredatico e com o padre frei pedro da conceição que lhe vestio o abito e por derradeiro com o padre frei antonio Rabelo¹⁰⁴ da ordem de Santo domingo que aqui veio da India (...) e todos eles mostrarão ter grande satisfação do que dela e sua espiritualidade entenderão e de sua vida e virtudes e modo de proceder...»¹⁰⁵; e ainda por um padre da sua ordem, Fr. António Pacheco, que por lá passara vindo do México onde era pregador e leitor de teologia na universidade. Este, depois de a «examinar»¹⁰⁶, «nada duidou de ser muy çerta e verdadeira sua espiritualidade», já que «no santo offiço avia tido cargo e avia ajudado a descobrir boas faltas em molheres espirituais como de muitas me contou o companheiro que tambem era letrado...»¹⁰⁷. Idêntica ajuda pediu ao referido bispo da Filipinas, carmelita, que «era omem espiritual e de oração» e que «folgou de saber o estado em que estaua...»¹⁰⁸.

Deste modo se ia tranquilizando Brás Soares... Não sem alguns sobresaltos, como o que viveu em Setembro de 1587 quando ela se recusou a obedecer-lhe a um pedido¹⁰⁹, desobediência que quase o fez desesperar da sua salvação.

Por isso ia permanecendo atento, nomeadamente à constância da humildade, obediência e penitências da sua confessada. E vendo, além disso, que «religiosos de outra Religião por çertos modos a soliçitauão e persuadião que reçebese o seu [habito] e isto occultamente de mim», procurou que esta viúva tomasse o hábito de mantelata de S. Agostinho. Escreveu a Fr. Pedro da Conceição, prior do convento de Angra, que por sua vez escreveu ao vigário-geral da Província e, em 20 de Janeiro de 1588, na ermida do Corpo Santo plena de gente, tomou Isabel de Miranda o referido hábito, o que deixou Brás Soares mais feliz e, sobretudo, mais «seguro»¹¹⁰. Isto numa época em que

¹⁰⁴ Era este Fr. António Rebelo «grande pregador e la na India leitor de theologia muitos anos» e, além disso, «enfadado de mulheres deste titulo de espirituais por huas falsidades que se acharão em hua que ele confesou e trouxe a cargo la na India noue anos que que naquelas mesmas naos mandarão de la os jnquizidores a Lixboa e hera molher baça ou mulata (...) e de que hele se mostraua satisfeito no tempo que a seu cargo andou mas como depois de examinada polo sancto officio acharão não ser tal quoyal parecia se achou como ca o pe. Luis de granada com a freira da anuñciada e asi desta afronta tinha descredito destas espirituais nem as queria ver...» (*Memorial*, fl. 195v; ver igualmente fl. 146r).

¹⁰⁵ *Memorial*, fl. 139r; tb. fl. 153v. Além disso, muitos aspectos da sua espiritualidade vieram a ser «confirmados» com a leitura das obras de S. Teresa, alimentando a consciência da sua santidade: «Em outras muitas duvidas fomos alumiados pola lição deste liuro e doutrinas desta sancta (...) porque ela se achou em grão parte daquele liuro e hera grande a alegria de sua alma en verse levada polos paços desta sancta...» (fl. 107r)

¹⁰⁶ Pediu-lhe que a confessasse e lhe analisasse o espírito, o que ele fez durante 25 dias «e a cabo deste tempo se mostrou ele tão maravilhado e satisfeito» (*Memorial*, fl. 60r; fl. 73r; fl. 77v)

¹⁰⁷ *Memorial*, fl. 146r.

¹⁰⁸ *Memorial*, fl. 99v e ss.

¹⁰⁹ *Memorial*, fl. 99v e ss.

¹¹⁰ *Memorial*, fl. 124v.

vinham aumentando em toda a Europa as vozes defensoras do enquadramento institucional de todos os casos de «devotas» e «beatas» que, demasiado livremente, davam largas aos seus anseios espirituais¹¹¹.

E assim ia a sua espiritualidade «sempre em aumento»¹¹², à medida que também a fama pública de santa¹¹³. O próprio Brás Soares a incentivou a exercer papel de intercessora, mandando-a «fazer algumas deuações e orações que pessoas pedião por diversas neçeçidades». Ela «aceitauo prontamente e fazia tudo tão argumentado no numero e partes que [a] hela lhe parecia podião ajudar que hera hua grande consolação»¹¹⁴.

Concomitantemente, crescia também a veneração pública na esperança ou em agradecimento dos seus milagres¹¹⁵, particularmente as curas de enfermos¹¹⁶. Era por isso «grande a estima en que ja a este tempo era tida e de todos muy amada e tida sua vida e sanctidade en çingular reputação», tanto pelos pobres e doentes¹¹⁷ que a viam como intercessora nas suas dificuldades e

¹¹¹ Cf., em particular, o interessante artigo de Adriano PROSPERI, «Dalle 'divine madri' ai 'padri spirituali'», art. cit. Para a Espanha, veja-se o estudo genérico de Angela MUÑOZ FERNANDEZ, *Beatas e Santas Neocastellanas: Ambivalencia de la Religión, Correctoras del Poder (ss. XIV-XVII)*, Madrid, 1994. Para França e um pouco mais tarde, Elizabeth RAPLEY, *The 'Dévotes'. Women and Church in Seventeenth-Century France*, Chicago, 1990.

¹¹² *Memorial*, fl. 74v.

¹¹³ *Memorial*, fl. 78r: «E hera grande a estima en que ja a este tempo era tida e de todos muy amada e tida sua vida e sanctidade en çingular reputação e a algumas senhoras que em suas casas acolhião fazião dela como de hua menina olhando e tomandolhe huas o çilicio, outras as cordas hua lhe tomou a çinta ou faxa ajnda que velha e deulhe outra boa e casi noua outras trocâuão a beitelha e somana foy que tres vezes e toleraua ela isto con tanta çimpliçidade como se fora hua menina... tomauõlhe outros pedaçinhos de beitelha ou de outras quois quer partes dos seus pobres vestidos que cortauão com quoisquer couza que achauão»; fl. 83v; fl. 87r; continuava a rezar por «pessoas que se lhe encomendauão que herão muitas» (fl. 125v), e as próprias freiras da Esperança lhe pediam que rezasse por elas (fl. 125r-v).

¹¹⁴ *Memorial*, fl. 29v. E «dezia de mais disto muytas deuações e orações por diversas causas que se ofrecião e por pessoas que se lhe encomendauão que herão muitas...» (*Memorial*, fl. 125v)

¹¹⁵ *Memorial*, fl. 78r: «hia o senhor mostrando a gente cada dia com manifestos çinais o amor que lhe tinha e o que ela tinha a ele e quão açeitos lhe herão seus fieis exercicios fazendo con sua oração e tocamento de suas mãos com o sinal da cruz muytos beins a muytos sarando muytos enfermos de diversas jnfirmitades vizitandoos ela e lauandoos e curandoos com ardente charidade...».

¹¹⁶ *Memorial*, fl. 78r: «...hia façilmente donde a chamauão para quoisquer neçeçidades tratando todos genero de jnfirmitades con suas mãos sen nenhum asco nen temor e o mesmo fizera con leprosos se se offreçerão se eu se lho mandara porque nhua couza fazia senão por obediencia...» e «aproveitavãose muytos enfermos de hua agua a quoaal eu tocava en hum çilicio seu con o quoaal sarauão muytos doentes bebendoa outros pondoa en as partes donde tinhão seu mal dores ou çagas pondo ali paninhos molhados nella...»; «todos os enfermos ou sarauão de todo ou se lhe tirauão algumas dores» e «finalmente todos tinhão melhorias e consolação» (fl. 85v); cf. ainda fl. 48v; fl. 99v; fl. 53v; fl. 56v; fl. 71v; 72r-v; fl. 96v; fl. 129v.

¹¹⁷ *Memorial*, fl. 75v: «foy dali vizitar hum enfermo que muyto esta vizitação estaua dezejando e estaua muyto mal e com o que lhe dixे o deixou muyto aliviado e melhorado e alegre e a toda a caza»; fl. 84v: «avia nestes dias muytos doentes e quatro noites a reo não dormio en sua casa mas por casas de alguns que estauão muyto mal e mandauanna chamar porque se consolauão muito con sua vista e fala». Chegou a tanto esta sua actividade que quase não tinha tempo para a

aflições, como também por «algvas *senhoras* que en suas casas acolhião fazião dela como de hua menina olhando e tomadolhe huas o çilicio, outras as cordas hua lhe tomou a çinta ou faxa ajnda que velha e deulhe outra boa...»¹¹⁸. Ou seja – como sucedia com outros santos vivos –, na veneração da sua santidade e na busca do seu poder intercessório não havia, pelo menos aparentemente, distinção de grupos sociais¹¹⁹, embora o seu enquadramento social pudesse contribuir para uma maior acessibilidade dos mais pobres, para quem, aliás, as dificuldades da existência eram geralmente também mais dramáticas. Especialmente nas ilhas dos Açores, assoladas com frequência por intempéries e adversidades da natureza que tornavam o viver quotidiano muito imprevisível e particularmente difícil para os que tinham de se haver (directa ou indirectamente) com as tempestades marítimas ou terrestres e, naqueles anos, com a ameaça constante dos ataques tanto dos franceses como dos ingleses¹²⁰.

Por outro lado, a sua oração¹²¹ ou mesmo a sua presença era requerida em vários actos de devoção privados¹²² ou públicos, como na procissão em memória do terramoto de 1563¹²³; ou nas orações privadas e colectivas em tempos de violentas tempestades no mar¹²⁴; ou nas romarias que se fizeram para rogar a protecção divina para a Armada Invencível¹²⁵; ou contra os ataques dos ingleses à ilha¹²⁶. Além disso, a autoridade que vinha conseguido como «mestra do espírito» permitia-lhe não só aconselhar outras devotas – ou

oração mental devido a «algvas vizitações de doentes de que estaua encarregada e tambem polos muytos doentes que a hião buscar a sua casa com que se ocupaua ate as onze da noite...» (fl. 78r).

¹¹⁸ *Memorial*, fl. 78r.

¹¹⁹ Mas este era um aspecto repetidamente verificado tanto na veneração dos «santos vivos» como no culto dos santos canonizados ou oficialmente reconhecidos. Cf. Jean-Michel SALLMANN, *Naples et ses saints...*, ob. cit.

¹²⁰ *Memorial*, fl. 67v, fl. 95r, fl. 97v, fl. 176v, etc.

¹²¹ Porque se confiava ser mais eficaz pela sua familiaridade com Deus, «como sempre naqueles anos viuiamos aqui com arreço de enemygos jngreses fazia ela sempre a oração do dia da asenção...» (*Memorial*, fl. 95r)

¹²² Como no caso de uma devota que lhe pediu que a acompanhasse numa romaria (*Memorial*, fl. 177r).

¹²³ *Memorial*, fl. 97v.

¹²⁴ *Memorial*, esp. fls. 133v-134r.

¹²⁵ *Memorial*, fl. 145r: «nestes dias se ençerraua o *senhor* polas ygrejas donde hia a gente rezar polo bon sucesso da nosa armada quando foy para jngrattera contra os jngrezes luteranos conforme a ordem que o prelado avia mandado...»; «todo o aduento andou en muytas romarias e fazia muytas diligencias e devações (...) rogando ao *senhor* aplacase sua ira e não consentisse vir jngreses a esta terra porque avia disto grandes arreços...» (fl. 86v).

¹²⁶ Como sucedeu quando «ordenou o vigairo desta freiguezia de san sebastião [por sugestão de Brás Soares] que fosem algvas devotas en rromaria â ermida da Encarnação e nela comungasem por sua jntenção que ele en hua pratica que lhes fez lhe declarou que hera porque deos livrase esta terra do que temiamos que hera vinda de ingreses a hela saquealla (...) fomos nos e algvas vinte devotas...» (*Memorial*, fl. 67v). Ou «por esta sua patria rogando ao *senhor* aplacase sua ira e não consentisse vir jngreses a esta terra porque avia disto grandes arreços...»

alguns devotos¹²⁷ –, mas também provocar o arrependimento ou tornar mais devotas outras mulheres¹²⁸.

E o seu espírito profético¹²⁹ – em alguns casos só muito tardiamente compreendidos ou valorizados por Brás Soares, como sucedeu no caso da Armada Invencível¹³⁰ ou no da «monja de Lisboa»¹³¹ – era cada vez mais escutado¹³².

4. Apesar de tudo, como atrás disse, alguns iam desconfiando. Curiosamente, as desconfianças mais sérias – que Brás Soares, apesar da cautela, foi identificando com a inveja¹³³ – vinham de algumas «devotas» (especialmente duas) «filhas espirituais» do vigário da freguesia¹³⁴, as quais, em grupo ou individualmente, a acusavam, às vezes com «palavras asperas», como as que lhe dirigiu uma «das que andauão en frequençia dos sacramentos» dizendo que «andaua tentada do demonio e que tudo o *que* tinhã erão tentações»; e assim andava esse grupo de mulheres «rrosnando com muytos ditos e zom-

¹²⁷ Nas suas romarias era frequentemente acompanhada de «um mancebo seu devoto» (*Memorial*, fls. 76r) que se chamava Gaspar Gomes (fl. 88r), ou mesmo de «dous mancebos seus devotos que muitas vezes a acompanhavão» (*Memorial*, fl. 144v).

¹²⁸ O crescimento da fama em matéria espiritual levava diversas mulheres «devotas» a procurá-la («teue na ygreja encontros de molheres que lhe querião falar...» – *Memorial*, fl. 72v; fl. 67v-68r), chegando a provocar o arrependimento ou a tornar mais devotas algumas delas (cf. fls. 70r, 72v, 143v, 129 r, etc.).

¹²⁹ Este deve ser compreendido no quadro da importância (e da diversidade e complexidade, que inclui também a diferenciação entre o masculino e o feminino) que o fenómeno teve a nível europeu entre os finais da Idade Média e o século XVII. Cf., em especial, Adriano PROSPERI, «Dalle 'divine madri' ai 'padri spirituali'», art. cit.; Ottavia NICCOLI, *Profeti e Popolo nell'Italia del Rinascimento*, Bari, 1987; Gabriella ZARRI, «Les prophètes de Cour dans l'Italie de la Renaissance», in *Les Textes Profétiques et la Prophétie en Occident – XIIIe-XVIe Siècle* (Actes – Chantilly, 30-31 mai 1988), Roma, 1990, pp. [359]-[675]; Id., «Pietà e profezia alle corti padane: le pie consigliere dei principi» in *Le Sante Vive*, ob. cit., pp. 51-85; Richard L. KAGAN, *Lucrecia's Dreams. Politics and Prophecy in Sixteenth-Century Spain*, ob. cit.; José Adriano de CARVALHO, «Um profeta de corte na corte...», art. cit.

¹³⁰ Conta Brás Soares que «...leuando hua tarde *que* fui a sua casa hua relação *que* viera de Lixboa das couzas desta armada para se lha ler porque tratava do numero dos galeões *que* hião e outros navios grosos e dos mais e do numero da gente e de todas as mais particularidades dela (...) a primeira palavra daquela Relação foi Relação da felisissima armada (...) dixee ela bastara dizer relação da armada e não quizera ver ai felisissima senão depois de acabada a jornada (...)» (*Memorial*, fl. 145v). E na oração que Brás Soares quis fazer com ela para o bom sucesso da Armada o pedido foi o de que «noso senhor modere o rigor da sua indignação e ira *que* contra nos tem...» (*Memorial*, fl. 145v).

¹³¹ Ainda a propósito da Armada, «tratandose do grande caso que se fez da freira da anunçiada e como benzera a bandeira e como por esa cauza ficauão grandes esperansas respondeo ela quietamente milhor fora que a não benzera se não o prelado maior...» (*Memorial*, fl. 145v).

¹³² *Memorial*, fl. 84r; fl. 91r; fl. 95r; fl. 127r; fl. 145v; fl. 169r; fl. 176v; fl. 178r.

¹³³ *Memorial*, esp. fl. 79v e fl. 165v.

¹³⁴ Brás Soares nunca refere o nome, mas, pelas datas e através de diversos indícios – e não há qualquer alusão à mudança do vigário (antes de 1597) –, era muito provavelmente Sebastião Ferreira (que o era em 10 de Novembro de 1586). Cf. Fr. Agostinho de Monte ALVERNE, *Crônicas da Província de S. João Evangelista (...)*, vol. II, ed. cit., 207.

barias não somente dela mas tambem de quem a trazia a cargo» porque «era entrelas hum comum parecer e sentimento que era tudo vaidade e quererse mostrar sancta»¹³⁵. Algumas diziam mesmo que «muytas mais mostras de sanctidade dera de si madalena da cruz mas que depois se achara ter feito pacto com o diabo...»¹³⁶, acusando-a de «feitiçeira e supersiçioneira e mentirosa...» e procurando «quanto lhes hera posivel dezacreditala e ao que a guiava». Um dia o vigário chamou-a e «examinou-a» longamente na igreja, dando a entender não acreditar nela¹³⁷, proibindo-a de ir a casa de enfermos e de os benzer. A tudo ela respondeu humildemente. Como muitos dos santos que lhe serviam de exemplo, a tecedeira não temia perseguições, antes as desejava¹³⁸. E estas não faltaram, começando com uma denúncia pública, durante a pregação no dia da festa de S. Sebastião, em 1586, por um «velho cura que aqui foy mandado da terceyra penitenciado por amigo do senhor don antonio que la era vigairo de hua igreja» e que «tomou con o vigairo e suas filhas muyta amizade»¹³⁹; nesse sermão, aproveitando a obrigatoriedade imposta pelas constituições sinodais de denúncia de «feiticeiras, adivinhadoras, benzedeiras e superstições...», sugeriu enquadrar-se ela nesse campo¹⁴⁰, facto que provocou murmurações, zombarias e ditos vários na cidade¹⁴¹. Curiosa e significativamente, enquanto este «velho cura» era um partidário de D. António Prior do Crato – por isso viera desterrado da ilha Terceira –, Isabel de Miranda era «muy inclinata as couzas do noso rei don filipe»¹⁴²...

Além disso, aquele «grupo», cujos nomes Brás Soares nunca identificou mas que, em diversas passagens, aproximou dos partidários de D. António ou com um grupo devoto influenciado pelos jesuítas – e estes «não estavam aqui muito aceitos» na época¹⁴³ –, foi-se constituindo aglomerando algumas mulheres devotas «filhas espirituais» do vigário da freguesia (mas que, em tempos, haviam sido iniciadas «na frequentação dos sacramentos» e «nas couzas da oração» por Brás Soares¹⁴⁴). As mesmas que por diversas vezes tentaram manchar a sua fama pública¹⁴⁵ e a do próprio Brás

¹³⁵ *Memorial*, fl. 14v.

¹³⁶ *Memorial*, fl. 79v.

¹³⁷ *Memorial*, fl. 79r. Depois disso, ele e as suas «devotas» «procurauão quanto lhes hera posivel dezacreditala e ao que a guiava».

¹³⁸ *Memorial*, fl. 80r; fl. 88v; fl. 90r.

¹³⁹ *Memorial*, fls. 88v-90r.

¹⁴⁰ O contexto epocal permitia, apesar de alguma «brandura» das perseguições, dar crédito à acusação. Cf. José Pedro PAIVA, *Bruxaria e superstição num país sem «caça às bruchas» (1600-1774)*, Lisboa, 1997.

¹⁴¹ *Memorial*, fl. 90r: «...daqui como de fonte naçerão mil ditos e zombarias e não se falar noutra couza por muyto tempo enchendo a gente de mil sospeitas...».

¹⁴² *Memorial*, fl. 189r: «por ter sentimento de espirito serem suas obras aceitas e agradaueis a deos e por ter este sentimento o amaua e o encomendaua muy cuidadosamente a deos...».

¹⁴³ *Memorial*, fl. 165r.

¹⁴⁴ *Memorial*, fl. 90r; 149r; fl. 157v.

¹⁴⁵ *Memorial*, fl. 90r: «todo seu jntento e cuydado hera de a abaterem e anichilarem e de a dezacreditarem...».

Soares¹⁴⁶. O que mostra como a aliança entre questões políticas e religiosas estava presente também neste caso, entretecendo redes a que não escapou esta «santa viva» e o seu confessor.

As denúncias do «fingimento» de Isabel parecem ter conseguido suscitar – em alguns casos alimentar – o descrédito de uma parte da população em relação a esta «santa». Tanto mais que os seus principais opositores estavam também envolvidos nas diligências para a aprovação da santidade e consequente canonização de Margarida de Chaves¹⁴⁷, outra «santa viva» que, tendo embora sido confessada de Brás Soares, se havia aproximado, nos últimos tempos da sua vida e por razões de ordem familiar, dos jesuítas. Mas cuja espiritualidade – estranhamente? – não é nunca lembrada no *Memorial*, nem sequer para com ela estabelecer aproximações ou coincidências, que claramente existem¹⁴⁸.

Como atrás se disse, as acusações de «fingimento» ganharam um fôlego quase incontrolável depois da confissão de soror Maria da Visitação, a monja da Anunciada, nos finais do ano de 1588¹⁴⁹, altura em que a casa de Isabel «hera notauelmente frequentada de gente enferma de varias jnfirmitades espeçialmente a noite e não cabião muytas uezes en casa e estauão na rua e estauão muytas vezes ate as onze da noite nas diligencias que com eles fazia»; aí rezavam, aí lhes fazia Isabel o sinal da cruz, aí alimentavam esperanças várias que diminuïam os sofrimentos...¹⁵⁰.

A sentença da monja de Lisboa foi conhecida na cidade cinco dias antes do Natal de 88, juntamente com a da perda da Armada. Ficaram todos «fora de si», parecia «aver entrado hum pasmo geral em todos mas prinçipalmente o caso da freira parece que encheo todos os corações de tristeza e

¹⁴⁶ *Memorial*, fl. 90r: acusado de «leue e ligeiro en crer e de ignorante e outros titulos semelhantes...».

¹⁴⁷ Fr. Agostinho de Monte ALVERNE, *Crónicas da Província de S. João Evangelista...*, ed. cit., vol. II, esp. 205 ss.

¹⁴⁸ Naturalmente, não cabe discutir aqui o caso e a vida de Margarida de Chaves, mas será imprescindível fazê-lo num estudo mais exaustivo que deverá ter em conta não só os seus pontos de contacto e diferenças, mas também algumas das redes de relações sugeridas por Brás Soares, que, aliás, foi também o seu primeiro biógrafo.

¹⁴⁹ Sobre este caso veja-se, em particular, Ramón ROBRES e José RAMÓN ORTOLÁ, «La monja de Lisboa. Sus fingidos estigmas, Fr. Luis de Granada y el Patriarca Ribera», *Boletín de la Sociedad Castellonense de Cultura*, 23 (1947), 182-214; 229-278; Id., «El proceso de la monja de Lisboa a través de la Nunciatura de España», *Boletín de la Sociedad Castellonense de Cultura*, 25 (1949), 671-531; Alvaro HUERGA, «La vida seudomística y el proceso inquisitorial de Sor María de la Visitación» e «El proceso inquisitorial de la 'Monja de Lisboa' y Fr. Luis de Granada», *Hispania Sacra.*, 12 (1959), respectivamente 35-130 e 333-356; Id., «Introducción» à edição de Fr. Luís de GRANADA, *Vida de sor María de la Visitación*, Barcelona, 1962, 4-112.

¹⁵⁰ *Memorial*, fl. 126r. Já «no mês de junho do ano de 87 andou a somana antes do domingo do sancto sacramento muyto agastada e sempre queixandose por não poder ter tanta oração mental como sohia por cauza de alguas vizitações de doentes de que estaua encarregada e tambem polos muytos doentes que a hião buscar a sua casa com que se ocupaua ate as onze da noite...» (fl. 96v).

malencolia»¹⁵¹. Nomeadamente no de Brás Soares que assumiu recear que este pudesse ser um caso idêntico, apesar de o levar «compassado e confrontado con as doutrinas do sancto evangelho e con as dos sanctos que destas materias escreuerão e con hum jncansauel cuidado que en examinar suas couzas trazia...»¹⁵². Mesmo assim, chamou Isabel para lhe dizer que era necessário «que nos examinemos nos ca tambien antes que nos examinem a nos e vejamos ben que caminho levamos...»¹⁵³. Cuidado e vigilância que sempre foi mantendo, mesmo quando diminuíram os ataques dos seus inimigos¹⁵⁴.

O impacto daquela notícia foi tão forte – e, note-se, mais forte que a do infeliz sucesso da Armada – que «resfriou» no povo «esta deuação», revivendo as desconfianças atrás referidas¹⁵⁵. Consequentemente, começou «a gente» – que incluía «muitas das que têm título de espirituais e muita gente ecclesiastica»¹⁵⁶ – a «julgar e murmurar e a ter varias determinações e dar mil sentenças sobre a vida e espiritualidade da teçedeira»¹⁵⁷, criando assim as condições para futuras «perseguições que lhe fizerão de muytas maneiras en vizitações...». Uma delas aquando da visitação do bispo, D. Manuel de Gouveia – mas quem «visitaua» realmente era o vigário-geral¹⁵⁸ –, no princípio da quaresma de 1591. Como um dos «capitulos sobre que se avia de preguntar era das benzedeadas começarão logo escrupulos em pessoas de pouco saber e não faltou quem se lhos sustentase e fizese jr a muytas molheres e homens a acuzar a quem lhes avia feito ben...»¹⁵⁹. Compreensivelmente, acenderam-se

¹⁵¹ *Memorial*, fl. 147r. Uma melancolia que deve ter sido tão generalizada que o próprio Fr. Luís de GRANADA sentiu a necessidade de escrever o *Sermón en que se da aviso que en las caídas públicas de algunas personas ni se pierdan el crédito de la virtud de los buenos ni cese y se entibie el buen propósito de los flacos* (Lisboa, Antonio Ribeiro, 1588) e o P. Pedro de RIBADENEIRA a teve presente no seu *Tratado de la Tribulación, no Libro Segundo, en que trata de las tribulaciones generales y de sus remedios*, ao referir «personas religiosas, ó que tenían opinion de virtud, representar con embustes y embaimentos en su cuerpo las llagas de la pasion de Cristo nuestro Redentor, ó vender sus marañas y artificios por revelaciones y favores de Dios, deslumbrando y trayendo la gente embaucada y como encantada con semejantes engaños...» (Cito pela edição de J. I. Tellechea Idígoras, Madrid, 1988, esp. 264-265, 366-375, 393-398).

¹⁵² *Memorial*, fl. 147r.

¹⁵³ *Memorial*, fl. 147v.

¹⁵⁴ *Memorial*, fl. 185v: «Levoua eu grande cuidado en examinar se avia relaxação ou descuidos no que a mim parecia que ela podia fazer e lhe pedia muitas vezes conta e a daua de mui boa vontade e folgaua do exame (...) e me rogaua que não abrise mão daquele cuidado que niso ajudaua muito...».

¹⁵⁵ Recordando a murmuração posterior à denúncia na igreja de S. Sebastião e ao parecer de 3 padres doutos que aí passaram (*Memorial*, fl. 88v e ss.).

¹⁵⁶ Brás Soares especificou mais adiante serem «duas pessoas de letras e pulpito e de autoridade que erão juntadores destas [mulheres que frequentavam os sacramentos]» (*Memorial*, fl. 149). Outras referências ao longo do texto permitem supor tratar-se do vigário da freguesia e do seu cura. Contudo, também aludiu a um «padre da companhia» que aqueles «tinhão muito mouido contra ela» (fl. 149r).

¹⁵⁷ *Memorial*, fl. 148r.

¹⁵⁸ *Memorial*, fl. 149r.

¹⁵⁹ *Memorial*, fl. 148v.

as murmurações que provocaram «varios juizos» e «diversas sentenças» não só sobre a tecedeira, mas também sobre «quem a trazia a cargo», pelo que «huns a sentençiauão a fogo outros a carçel perpetua outros açoutes outros a ser degradada para o brazil»¹⁶⁰. E «ja o ser ela outra freira de Lixboa era pratica geral»¹⁶¹.

Mas como o «visitador» era o vigário-geral, Brás Soares, receando que este fosse influenciado pelos seus opositores, decidiu falar pessoalmente ao bispo, rogando-lhe que tomasse a cargo o «exame» das acusações contra si e contra a tecedeira, o que o bispo prometeu fazer. Só o não cumpriu porque assuntos «trabalhosos» – em especial «hua grande diferença que começou entre ele e o governador»¹⁶² – o levaram a embarcar apressadamente para a Terceira. Mas antes de partir o bispo apenas parecia estar verdadeiramente preocupado com a discrição de Isabel nas atitudes em público. Por isso ordenou que, nas comunhões, ela tomasse, como todos os outros, o lavatório, sob pena de lhe não darem o sacramento; que «reçebendo o *senhor* logo se leuantase daquele lugar como a outra gente...» – dois dos aspectos que se afiguravam mais difíceis para o confessor «porque sabia que [ela] o não podia fazer», razão pela qual tentava «aver liçença para a sacramentar» –; que «não fizese oração em pubrico»; finalmente, que Brás Soares «a não pubricase por sancta» nem usasse mais a água tocada em coisas suas que dava aos enfermos «a quoaal alguas vezes hia *bem fedorenta*»¹⁶³. A tecedeira tudo acatou com humildade, obediência e paciência. Esta virtude em particular exercitou-a, aliás, quase toda a vida, não só nas dores físicas e nas doenças várias, mas principalmente «sofrendo» quase quotidianamente o mau feitio da mãe¹⁶⁴.

Mas no ano seguinte a «tempestade» levantou-se de novo com a chegada do Inquisidor Jerónimo Teixeira Cabral¹⁶⁵. Recomeçaram as investidas dos seus perseguidores – «confiando que o que não avião negociado com o bispo con hele sen falta e muito melhor o negociarião» – e «começou de acodir gente e de tal maneira acodião com seus escrupulos *que* lhe foy neçerario ao jnquizidor tomar *hum* ajudador (...) que foy o guardião de são françisco»¹⁶⁶. As denúncias terão sido muitas¹⁶⁷, mas «hela andaua muyto serena e conti-

¹⁶⁰ *Memorial*, fl. 148v. Um dos grandes acusadores, além do vigário, era um padre da companhia (fl. 149r). Mas Brás Soares confiava no bispo que sempre lhe parecera «ser lhe devoto e afeiçoado e folgar de falar nela e dezejar tempo opportuno para uer suas couzas...» (fl. 150r).

¹⁶¹ *Memorial*, fl. 149r; outros acusavam-na também de feiticeira e adivinhadora (fls. 137r e 148r).

¹⁶² *Memorial*, fl. 150v.

¹⁶³ *Memorial*, fl. 150v.

¹⁶⁴ Este aspecto foi por diversas vezes evocado e até realçado por Brás Soares. Veja-se, em particular, *Memorial*, fls. 114r ss.

¹⁶⁵ *Memorial*, fl. 157r e s.

¹⁶⁶ *Memorial*, fl. 157r-v.

¹⁶⁷ Estranhamente, não as vi registadas no *Livro das Denúncias e Confissões da Visita do Inquisidor-Mór às Ilhas dos Açores* (1592-93) que se guarda no A.N.T.T. (*Inquisição de Lisboa, Denúncias*, L.ºs 786 e 787).

nuando suas devoções e igrejas e sacramentos...» e Brás Soares «sabia do guardião que em todas as couzas que tinha achado não avia couza que (n)os condenase...», antes «tudo o *que* avia descuberto era para mais engrandeser e realisar sua fama que para a abater»¹⁶⁸.

Não foi dada qualquer sentença, nem o Inquisidor falou do caso antes da sua partida para a Terceira. Apenas quis ler o livro «de mão» sobre as «cousas» de Isabel de Miranda – «porque tinha fama no reino» –, livro que, já o disse, andava a escrever Brás Soares e que ele «mandou ao cardeal alberto sem mo dizer...»¹⁶⁹.

Apesar de todas as perseguições e acusações, muitos continuavam a exigir a sua presença: «a gente lhe tinha tanta devoção na çidade das grandes experiências da virtude que *deos* nela tinha posta sofrerão isto mal e não deixauão de vir e importunar *nem* se podia deixar de conçeder a seus piadosos rogos...»¹⁷⁰. Contudo, ela, por obediência – e não por desinteresse¹⁷¹ –, diminuía estas “consultas” e, percebendo-o «a gente», «forãose tamben recolhendo». A sua fama ficou profundamente afectada e em diversas ocasiões posteriores – como na da doença e desejo de confissão do filho¹⁷², ou na devassa ordenada pelo bispo contra ela e o seu confessor¹⁷³ – sofreu murmurações, invenções, desconfianças e acusações várias, sendo «jnumeras as afrontas que en ditos lhe fizerão» e ficando «a pobrezinha posta en todos dezamparo de todos quantos amigos eu tinha e filhas espirituais»¹⁷⁴.

5. Inevitavelmente, todos estes factos vieram contribuir para fazer crescer o medo de fingimento e, conseqüentemente, o descrédito dos seus devotos. E, claro, para elevar o tom das críticas dos seus perseguidores que conduziram à devassa ordenada contra ela e contra Brás Soares pelo bispo D. Diogo de Gouveia no ano de 1595. Isto numa altura em que aumentavam as rivalidades com os jesuítas, que haviam começado já com o caso da Margarida de Chaves e com ele também se alimentavam¹⁷⁵; em que Brás Soares teve de se deslocar a Lisboa (entre finais de 1595 de Março de 1598¹⁷⁶) para fazer avançar o processo conducente à prorrogação da sua licença; em que o bispo ordenou – mas sob influência do Reitor do colégio dos jesuítas¹⁷⁷ – o

¹⁶⁸ *Memorial*, fl. 157v.

¹⁶⁹ *Memorial*, fls. 157ss.

¹⁷⁰ *Memorial*, fl. 126r.

¹⁷¹ Pelo contrário, segundo Brás Soares «era esta serua de *deos* muy dezejosa de saluação de todos o que ela explicaua muytas vezes com palauras de muito encareçimento e creo sen *nenhua* duuida que facilmente se ofrecera a morte por saluação de almas espeçialmente dos seus deuotos e amigos espirituais aos quois ela daua muitos avizos e *conselhos* para não offenderem a *deos*...» (*Memorial*, fl. 158v).

¹⁷² *Memorial*, fls. 160v e ss.

¹⁷³ *Memorial*, fls. 165r e ss.

¹⁷⁴ *Memorial*, fl. 165r.

¹⁷⁵ *Memorial*, fl. 163r e ss.

¹⁷⁶ *Memorial*, fls. 164r-v e ss.

¹⁷⁷ *Memorial*, fl. 163v.

encerramento do oratório¹⁷⁸, desta «santa», invejado por várias pessoas¹⁷⁹ que fizeram correr a informação de que Brás Soares nele dizia missa. Note-se que o mesmo bispo havia autorizado anteriormente que nesse oratório se dissesse missa, depois de uma visita pelo «escruião do bispo e ouvidor (...) e se acharão ahí o corregedor e o ouvidor do secular e o juiz de fora e outras pessoas onrradas que o julgarão polo mais capaz de todos os que nas ylhas avia e asi o escreuerão ao bispo»¹⁸⁰.

Apesar da proibição do bispo – proibição que Isabel interpretou como sendo apenas relativa à celebração da eucaristia –, continuavam « neste tempo (...) alguas pessoas deuotas como sohião a fazer oração ao oratorio... ». Sabendo-o o ouvidor, « atiqado pelo vigário da freguesia », ficou « com muyta furia » e ordenou, sob pena de excomunhão, que o encerrasse, ao que ela uma vez mais obedeceu¹⁸¹.

Consequentemente, Isabel foi ficando cada vez mais sozinha: « todos e todas se apartarão porque todas suas couzas quizerão nosos perseguidores fossem tidas por sospeitosas... ». Só duas casas a apoiaram, e « desta gente era consolada e animada e dos padres de são francisco a quem a deixei encomendada »¹⁸².

Mas, por indicação por escrito de Brás Soares – que, como disse, se encontrava ausente mas se mantinha em correspondência com Isabel –, esta escreveu ao bispo explicando tudo e desmentindo falsos ditos, ao que ele respondeu reconhecendo ter-se deixado influenciar por « más jnformações » e

¹⁷⁸ *Memorial*, fl. 163v. Este oratório foi sendo cojntruído e enriquecido lentamente e resultou, num primeiro momento, da sua já referida veneração das imagens da Virgem e dos santos. Foi « crescendo » num « sobradinho » da sua casa (*Memorial*, fl. 7r) e no início era composto só por « huas ymagens que ali tinha diante das quais oraua » (fl. 6v); aliás, as « couzas do seu oratorio » eram tão poucas que cabiam numa caixa que lhe deu Brás Soares (fl. 16r); foi-se enriquecendo com uma imagem – a maior – de N. Senhora (fl. 81r; fl. 136r); outra do menino Jesus e outras que Brás Soares lhe ofereceu (fl. 78v); ela « tomava as ymagens huas vezes huas e outras vezes outras especialmente a de nosa Senhora que tinha de vulto e o menino Jesu que ela alcou donde o tinha posto que hera hum prezepio e lhe beijaua os pes e os dos outros sanctos que herão muytos e fazia com eles couzas que erão para muito louvar a deos como se forão o que eles representauão e asi falaua e ria com heles e muy amorosamente os abraçaua... » (fl. 136r); « hera couza muyto para louuar a deos e prouocar a deuação vella con aquelas ymagens a devação a reuerencia a alegria com que as trataua... » (fl. 78r); teve depois... « hua jmagen de pinzel que hum deuoto seu lhe mandou fazer e pintar e que era hua representação da paixão muito deuota e hela estaua com grande contentamento espiritual con sua noua compostura de seu altar no qual se puderá dizer missa... » (fl. 146v); « hua ymagenzinha de nossa senhora en hum retabolinho de pinzel que sempre consigo trazia dependurada do pescoso en hum saquinho de çeda e ali trazia tambem hua ostia com christo crucificado sobre a ymagem e çerrauase com hua taboinha delgada como hum espelho e tinha ela muita devação na uista destas duas ymagens » (fl. 144v).

¹⁷⁹ *Memorial*, fl. 165v.

¹⁸⁰ *Memorial*, fl. 165v.

¹⁸¹ *Memorial*, fl. 165v.

¹⁸² *Memorial*, fl. 165r. Brás Soares continuou a insistir em que a culpa era não só do ouvidor, mas sobretudo do vigário da freguesia que o influenciava.

que «muytos mexericos lhe fizeram fazer o que fez com ela e con seu padre que visto não ser en nada culpada pola devassa que mandara tirar avia por bem *que* se dixese missa no oratorio não somente en domingos e festas mas en todo tempo como a sua jnstituidora lhe pareçesse...»¹⁸³.

Depois deste «despacho»¹⁸⁴, «foy a gente desta cidade chea de alegria e ajnda toda a ilha» porque «era ela muyto amada de todos ajnda *que* no tempo de aduerçidade passada todos a dezampararão porque foy asi vontade de deos»¹⁸⁵.

Na ausência de Brás Soares, «nunca deixou de jr como acostumaua aas igrejas e as suas confissões e comunhães e missas *nem* se saio *nem* apartou da ordem *que* lhe dei *que* se sacramentase en são francisco com padre *que* fose letrado». E «como vierão [os franciscanos] a entender seu espirito foy deles e de todos os religiosos muito estimada e ajnda dezejada e procurada para a sua religião...»¹⁸⁶. Curiosamente, «não con menos diligenças e astuças a procurauão leuar asi os da companhia»¹⁸⁷, mas a sua constância e fidelidade a Brás Soares e aos franciscanos deixaram-na indiferente a tais solicitações...

Note-se como o bispo – ainda que influenciado pelo vigário – mostrou grande preocupação com a exposição pública de Isabel que dera origem não só à sua veneração pública mas também a ditos, murmurações e desconfianças. E foi essa preocupação – e não, a crer na veracidade das palavras de Brás Soares, a falta de crédito no seu espírito – que o levaram a restringir, em público, nas igrejas ou mesmo no seu oratório, as comunhões espirituais, as orações em voz alta e o tratamento de enfermos.

6. Por tudo isto, os últimos anos – em que se agravaram notoriamente as suas doenças¹⁸⁸ – parecem ter sido anos especialmente difíceis e de alguma solidão¹⁸⁹. Com a morte da filha (em 1600) que lhe deixou dois netos e uma neta ainda menores (esta com apenas 14 ou 15 anos), as suas preocupações tiveram de se voltar para o sustento destes e para a sua educação e encami-

¹⁸³ *Memorial*, fl. 166r.

¹⁸⁴ A que se seguiu a confissão do bispo (pouco antes da sua morte, em 1597) a várias pessoas do arrependimento das desconfianças que, instigado por outros, manifestara em relação a este caso e ao próprio Brás Soares (*Memorial*, fls. 166v-167r).

¹⁸⁵ *Memorial*, fl. 166v. Também «os nossos padres de nossa *senhora* da graça ficarão muito alegres com as nouas deste despacho...».

¹⁸⁶ *Memorial*, fl. 167v e 168v.

¹⁸⁷ *Memorial*, fl. 167v.

¹⁸⁸ Em 1608 teve mesmo de sangrada e, além disso, teve de tratar uma grave doença da neta (*Memorial*, fl. 184r).

¹⁸⁹ Nos últimos anos da sua vida, apesar de em tempos ter sido «aquela casa tão frequentada das *pe*-*so*as mais poderosas da terra con suas neçeçidades de que sempre levarão muy *bons* despachos e forão *bem* contentes e muitas que representauão particulares çinais de amor» e de serem agora mais graves as suas doenças e necessidades, «huas e outras dezaparecerão e se apartarão *com* tal esqueçimento» que quase a não visitavam e, se o faziam, iam com «as mãos mais vazias que cheas...» (*Memorial*, fl. 186v).

nhamento para um estado “aprovado”. Mas a «entrada em Religião» dos rapazes – que ela e a filha sempre desejaram¹⁹⁰ – não foi fácil, já que «os gastos herão maiores do que cuidauamos porque nestas entradas abitos e embarcações de huas ilhas para outras e nas entradas e profições gastou ela mais de trinta e tres mil reis»¹⁹¹. Por sua vez, a neta teve de ser encaminhada para o estado matrimonial – que ficou a cargo de Brás Soares¹⁹² – porque «as freiras não na avião de receber por não ter bastante dote»¹⁹³. Consequentemente, foi ficando mais reduzido (embora não tanto como receara¹⁹⁴) o tempo de que necessitava para os seus «exercicios espirituais», para as suas penitências, para as suas devoções, para as romarias pelas igrejas e ermidas da ilha. Apenas continuou «pola menhaa çedo»¹⁹⁵ as «suas antiguas romarias a são francisco a nosa senhora da conceição...»¹⁹⁶ e a São Sebastião (cerca de uma hora) e «alguas vizitações fazia mas herão muy poucas e de muita obrigação ou neceçidade»¹⁹⁷. Na noite se recolhia para as suas devoções e práticas espirituais. Mesmo assim, Brás Soares continuava a ter «grande cuidado en examinar se avia relaxação ou descuidos» no que lhe parecia «que ela podia fazer e lhe pedia muitas vezes conta...»¹⁹⁸. Porque também a santidade exigia perseverança, constância, vigilância, alimento.

Como se tudo isto não bastasse, até este confessor foi forçado a vê-la menos vezes, porque na quaresma de 1609 teve de recolher-se com os religiosos da sua ordem que haviam chegado à ilha para fundar mosteiro e, por isso, «não a podia vizitar como hera neçecario *nem* com a pesoa *nem* com o que sohia» e «tanto estreitaua o padre isto que *nem* ajnda lhe podia acodir para as suas confições...»¹⁹⁹.

Isabel «veio por fin a não se leuantar e ficar entreuada», mas nem por isso deixava de rezar «todo o dia por suas contas que nunca tiraua da mão»,

¹⁹⁰ E por isso, mas com essa finalidade, «se hião hum ao estudo do latim e outro a escola do canto», porque desejava «todos serem da ygreja» (*Memorial*, fl. 180r-v).

¹⁹¹ *Memorial*, fl. 185r.

¹⁹² Antes de morrer encomendou-lhe a neta «e que [a] cazase çedo», indicando-lhe «*com quem* a avia de casar e assi foy» (*Memorial*, fl. 187r).

¹⁹³ *Memorial*, fl. 187r. Não chegava nem a metade do dote que era pedido naquele tempo (*Memorial*, fl. 180r-v).

¹⁹⁴ Porque «ficou como sempre *senhora* das noites que ela tinha polo melhor do seu tempo

¹⁹⁵ *Memorial*, fl. 180r.

¹⁹⁶ Esta foi talvez a sua devoção mais constante, pela sua especial devoção não só a S. Francisco e a S. António, mas também ao próprios religiosos daquele convento, dos quais era, aliás, «muito amada e respeitada e la lhe dauão os sacramentos com grande vontade e amor e sua casa muyto frequentada de suas vizitações e para o que dela tinhão neceçidade e hela podia fazer..» (*Memorial*, fl. 178r; fl. 180r).

¹⁹⁷ *Memorial*, fl. 186r.

¹⁹⁸ Mas «sempre nas suas confições achei hua pureza e igualdade como se não tivera cuidados» e «disto me marauillaua» (*Memorial*, fl. 185v).

¹⁹⁹ *Memorial*, 186v: «... e so deos sabe o muito que eu nestas faltas senti (...) e asi parece que ambos sofríamos hum penoso purgatorio nas almas...».

continuando as suas práticas espirituais, «huas vezes meditação e outras contemplação e sentimentos diversos», sempre sentinho o ardente amor no seu peito²⁰⁰.

Contudo, na morte – tranquila, com bom rosto... –, a fama antiga da sua santidade renovou-se, levando os seus devotos – como sempre sucedia com os que em vida haviam tido fama de santos – a buscarem por todos os meios aceder a relíquias suas ou a tocar-lhe com contas, a continuarem um culto que prolongava o que em vida tivera. Prevendo-o ou desejando-o, Brás Soares deixou «ficar a porta do oratorio aberta e foy tanto o concurso de gente que acodio toda a noite que parecia de endoenças huns a tocar nela contas e quoaquier couzas com que se achavão e muitos molhos de rozairos que mandauão as freiras dos mosteiros e foy prouidência de deos estarmos nos ali porque se asi não fora não lhe deixarão nada sobre si que defendemos com dificuldade»²⁰¹; no percurso para o mosteiro deram «hua volta pola igreja maior e parese que não ficarão pessoas nas casas que pudesem sair que deixassem de o fazer para a ver e asi se fez hun dos mais onrrados enterramentos que nesta terra se fizerão (...) grande rumor e pressa da gente a tocar contas e outras couzas (...) a cortar e rasgar por onde cada hum podia...»²⁰².

Esta evocação da sua morte foi mais tarde corroborada por Fr. Diogo das Chagas no seu *Espelho cristalino em jardim de várias flores*²⁰³: «...a cuja morte eu me achei presente o anno de 1610, e accompanhei a sepultura e foi tanto concurso de gente que acudio a procurar reliquias della, que não cabia pellas ruas e parece quis Deus, porque a gente as carnes e habito lhe não leuasse, que com facas e tisouras arremetiam a tumba pera cortar cada qual o que alcansasse que a benaventurada Beata começasse a botar sangue por hua uenta, tão fermoso, e uermelho como se saisse de hua sangria, em que molhauam lenços e panos que se repartiam por reliquias, com que a gente ficou mais quieta, e a foi accompanhando com quietação, ate a sepultura, aonde, al lansar nella, lhe leuarão parte dos habitos e toucas e se os religiosos não acodiramos nada lhe ficara»²⁰⁴.

Assim se compreende que, em 1611, o antigo inquisidor e então bispo das ilhas, Jerónimo Teixeira Cabral, tenha ordenado a inquirição de testemunhas conducente à elaboração de um processo da sua vida e ao apuramento da veracidade dos milagres²⁰⁵.

²⁰⁰ *Memorial*, fl. 187r.

²⁰¹ *Memorial*, fl. 187v.

²⁰² *Memorial*, fl. 187v-188r.

²⁰³ Fr. Diogo das CHAGAS, *Espelho Cristalino...*, ed. cit., 202-3.

²⁰⁴ Fr. Diogo das CHAGAS, *Espelho Cristalino...*, ed. cit., p. 202-3.

²⁰⁵ Fr. Francisco do Monte ALVERNE, *Crônicas da Província de S. João Evangelista*, ed. cit., vol. II, esp. 219: «O notário António Sanches, por provisão do iludtríssimo bispo de Angra, Dom Jerónimo Teixeira, dada e selada em Angra, em 12 de Dezembro de 1611, a instância do reverendo padre Fr. Jerónimo de Mesquita, prior do convento de Santo Agostinho de Angra, tirou um sumário de testemunhas das virtudes e obras maravilhosas que Deus tem obrado por esta serva fiel...».

Como tantos outros processos – até mesmo, apesar das múltiplas diligências, o mais sustentado da matrona (e também viúva) Margarida de Chaves²⁰⁶ – este também não teve continuidade. Assim se foi apagando a fama, assim se encobriu a memória de um caso cuja relevância e interesse cultural aqui apenas se sugeriu. Mas ficou, graças à conservação deste *Memorial* (que, se se encontrarem outras fontes, deverá ser com elas confrontado) o testemunho de uma existência complexa inserida numa rede de intersecções sociais, culturais e religiosas – em que o feminino deve ser tido em consideração – que permite, sobretudo se comparado criteriosamente com outros casos, chamar a atenção para as complexas relações entre diversas correntes de espiritualidade (histórica e culturalmente enquadradas) e emergências populares de santidade, relações que urge estudar mais profundamente para que também se conheça melhor não apenas o complexo campo da «piedade popular», como também, senão sobretudo, o das conformidades, dos conflitos e das coexistências deste com o rico e diversificado mundo da espiritualidade.

²⁰⁶ Fr. Francisco do Monte ALVERNE, *Crónicas da Província de S. João Evangelista*, ed. cit., vol. II, esp. 209-212. Francisco A. Chaves e MELO, *A Margarita Animada*, ed. cit., esp. 52-54. Vale sempre a pena lembrar os termos do irónico testemunho de D. Francisco Manuel de MELO na sua *Carta de Guia de Casados* (1651): «Solicitava com exquisita importunação em Roma a beatificação da veneravel matrona Margarida de Chaves, hum seu filho, que eu muito bem conheci, e de sua boca ouvi o que digo. Tinha o Papa Paulo Quinto remetido a causa a certo Cardeal, que já andava tão temeroso do requerente, que em o vendo, fugia d'elle. Sucedeo chegar a fallar-lhe um dia, estando o Cardeal mais que outros enfadado; e havendo-lhe lembrado, como costumava, seu negocio, lhe respondeu: «Senhor, não nos cansemos em provas da santidade de vossa mãe; provai sómente que vos soffreo, que o Papa a declarará logo por Santa» (ed. de Edgar Prestage, Lisboa, 1954, 106-7).